

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MONICA DE OLIVEIRA MEDEIROS BARBOZA

LETRAMENTO LITERÁRIO NA BEBETECA:
a importância da contação de histórias nas creches
para o desenvolvimento dos bebês

SOROCABA -SP
2020

MONICA DE OLIVEIRA MEDEIROS BARBOZA

LETRAMENTO LITERÁRIO NA BEBETECA: a importância da contação de histórias nas
creches para o desenvolvimento dos bebês

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade
Federal de São Carlos *campus*
Sorocaba

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Tadeu
Souza

Sorocaba -SP
2020

Barboza, Monica de Oliveira Medeiros

Letramento literário na bebeteca: a importância da
contação de histórias nas creches para o
desenvolvimento dos bebês / Monica de Oliveira
Medeiros Barboza -- 2020.
74f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Geraldo Tadeu Souza
Banca Examinadora: Izabella Mendes Sant'Ana, Márcio
Antônio Gatti
Bibliografia

1. Letramento Literário. 2. Bebeteca. 3. Educação
Infantil. I. Barboza, Monica de Oliveira Medeiros. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

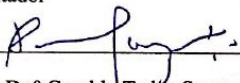
FOLHA DE APROVAÇÃO

MONICA DE OLIVEIRA MEDEIROS BARBOZA

LETRAMENTO LITERÁRIO NA BEBETECA: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS CRECHES PARA O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. Sorocaba, 17 de dezembro de 2020.

Orientador



Prof.º Dr.º Geraldo Tadéu Souza

Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

Examinadora



Prof.ª Dr.ª Izabella Mendes Sant'Ana

Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

Examinador



Prof.º Dr.º Márcio Antônio Gatti

Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba

DEDICATÓRIA

A minha mãe que por sempre me amar e acreditar nos meus sonhos, me possibilitou sentir mil capacidades em mim.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, porque por Ele e para Ele são todas as coisas.

Aos meus pais Silvia Talga de Oliveira e Dirceu da Silva Medeiros, que ao longo da minha vida ensinaram-me o caminho em que deveria seguir e sempre trabalharam duramente para me proporcionar a melhor educação que eu poderia ter. Acredito que este TCC é a prova de que os esforços de vocês pela minha educação valeram a pena.

Ao meu marido Thiago Barboza da Silva, pois estive ao meu lado durante estes cinco anos, me apoiando nos momentos em que pensei em desistir, me incentivando e sempre acreditando na minha capacidade, mesmo quando eu mesma não podia. Obrigada por ser meu companheiro e sempre viver comigo minhas angústias e alegrias.

As minhas amigas de graduação Naara Alencar e Nathalia Sales, pois sem vocês não teria enfrentado meus medos, não teria vivido tantas maravilhas e nem aprendido tanto sobre a vida e a amizade. Sou imensamente grata pela vida de vocês.

Ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza que partilhou comigo esta monografia, com sua forma gentil e atenciosa de me orientar proporcionou saberes importantíssimos e contribuiu significativamente com minha escrita. Obrigada por ser sempre muito paciente e encorajador.

A Universidade Federal de São Carlos- *campus* Sorocaba e meus professores, que me permitiram aprender tantas coisas, entre elas a lutar por uma educação melhor.

Ler para bebês não é antecipar a leitura, nem alfabetizar. É dar sentido à leitura, ao personagem, através da fala, do lúdico e de objetos que o representam. É despertar a atenção! É o afeto, o aconchego e o vínculo que estão sendo criados entre o adulto e o bebê. (Hellem Lira)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo identificar e compreender as contribuições da bebeteca para a leitura e letramento literário no desenvolvimento dos bebês nas creches. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que busca compreender as leituras no espaço da creche, focalizando a mediação entre bebês, livros infantis e seus mediadores, conhecendo os motivos para tal leitura e a importância do letramento literário para os bebês de zero a um ano e seis meses. Com relação a esta temática, apresento os conceitos de infância e bebês ao longo da história do Brasil, assim como trago informações sobre o surgimento das creches, ponderando sobre alguns avanços legislativos e como estes possibilitam um melhor desenvolvimento do bebê. Posteriormente, reflito sobre a importância da leitura em período de creche e como esta prática influencia na aprendizagem, leitura e comunicação dos bebês. Por fim, problematizo o letramento literário nas bebetecas, explorando a contação de histórias que pode aprimorar as primeiras experiências dos bebês com a linguagem e a leitura. Nesse sentido, a pesquisa nos possibilita compreender a importância do letramento literário desde o nascimento, partindo de práticas significativas e respeitadas para os bebês, além de contribuir com o docente mediador e seu repertório de práticas.

Palavras-chave: Letramento Literário. Bebeteca. Educação Infantil.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

This course conclusion work aims to identify and understand the contributions of the bebeteca to reading and literary literacy in the development of babies in daycare centers. This is a bibliographical and documentary research that seeks to understand the readings in the daycare center, focusing on the mediation between babies, children's books and their mediators, knowing the reasons for such reading and the importance of literary literacy for babies from zero to one year and six months. With regard to this theme, I introduce the concepts of childhood and babies throughout the history of Brazil, as well as bring information about the emergence of daycare centers, pondering about some legislative advances and how they enable better baby development. Later, I reflect on the importance of reading in a day care center and how this practice influences babies' learning, reading and communication. Finally, I problematize literary literacy in bebetecas, exploring storytelling that can improve babies' first experiences with language and reading. In this sense, the research enables us to understand the importance of literary literacy since birth, starting from meaningful and respectful practices for babies, in addition to contributing to the mediating teacher and his repertoire of practices.

Keyword: Literary Literacy. Bebeteca. Child education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Alguns marcos para o conceito de infância	19
Figura 2 - Linha do tempo: marcos legais e históricos da Educação Infantil	24
Figura 3: Separação de creche e pré-escola por faixa etária	28
Figura 4: Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil segundo a BNCC	29
Figura 5: Campos de experiências definidos pela BNCC	39
Figura 6: Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento destacados pelo campo de experiência da BNCC	40
Figura 7: Características de aprendizagens para comunicação dos bebês	42
Figura 8: Objetivos da bebeteca	47
Figura 9 : Processos descritivos dos livros	51
Figura 10: Gêneros literários encontrados nos livros infantis	51
Figura 11: Tipologia de livros segundo a classificação de Parreiras	53
Figura 12: Diferentes usos dos livros, pautados em seus objetivos principais	55
Figura 13: Sugestão de leituras nas plataformas digitais	61

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

CEI - Centro de Educação Infantil

CNE - Conselho Nacional de Educação

COPEDE- Coordenadoria Pedagógica

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EI - Educação Infantil

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNE- Plano Nacional de Educação

PNLD- Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PNQEI- Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2. NOTAS METODOLÓGICAS	16
3. INFÂNCIA: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	18
4. CRECHE: UM ESPAÇO PARA EDUCAR E CUIDAR	23
5. LETRAMENTO LITERÁRIO: DA LEITURA DO MUNDO À LEITURA DA PALAVRA	32
5.1 O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS ATRAVÉS DE DIÁLOGOS COM A LEITURA	32
5.2 APRENDIZAGEM, LEITURA E COMUNICAÇÃO	38
5.3 O LETRAMENTO LITERÁRIO PARA BEBÊS EM CRECHE	43
6. AFINAL, O QUE SÃO AS BEBETECAS?	46
6.1 O ESPAÇO	46
6.2 MEDIAÇÃO DOCENTE	49
6.3 O ACERVO LITERÁRIO DA BEBETECA	50
6.4 A PRÁTICA DE CONTAR HISTÓRIAS	57
6.4.1 O mundo digital: possibilidades para a contação de histórias	59
6.5 NA PRÁTICA	62
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE: OBRA APROVADA PARA CATEGORIA 1- “BICHINHOS” NO GUIA DO PNLD 2018	73

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem uma grande influência sobre mim e tem acompanhado a minha trajetória desde muito cedo. Durante minha infância, não tive acesso a muitos livros, eram caros, mas, felizmente, minha mãe me incentivava e sempre que podia comprava um e mesmo antes de aprender a ler, eu passava horas folheando as páginas, olhando as imagens e inventando situações para as personagens.

Conhecer novos contos, ler livros e inventar histórias sempre foi uma alegria para mim. Estas diferentes experiências transformaram minha infância e foi a partir daí, que comecei a criar meus próprios livros. Os livros e histórias fazem parte de quem eu sou e me permitiram refletir sobre a importância deste tema para a formação e trabalho dos pedagogos na atualidade.

Segundo Faria, Flaviano, Guimarães e Faleiro (2017, p. 36),

A contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, despertando encanto, prazer e imaginação, esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo.

Desta forma, a leitura de livros é fundamental para a nossa formação, sendo necessário desde o nosso nascimento. Pensar na educação para os bebês esteve presente comigo antes mesmo do início da graduação. Sempre tive um vínculo muito forte com os bebês, uma curiosidade de conhecer a fundo sobre essa parte da vida, entender como eles se desenvolvem, como aprendem tantas coisas em tão pouco tempo, como conseguem expressar seus sentimentos ou como enxergam as coisas ao seu redor.

Durante o curso de Pedagogia, me encantei por diferentes teorias como as de Piaget, Vygostsky, Wallon e Montessori. Mas foi em 2018, durante uma apresentação das minhas colegas Julia Braga, Marina Brasil, Larissa Chaves e Vitória Pignatari, em uma das aulas de Educação Infantil, que conheci Emmi Pikler e os princípios fundamentais que regem o Método do Instituto Lóczy, criado por ela. Nesse método, o bebê é um ser autônomo, tendo sua atividade livre e baseada em suas próprias iniciativas, as relações pessoais são estáveis e têm um valor

fundamental para o seu desenvolvimento. Foi através deste conhecimento que o anseio por compreender mais sobre o trabalho com os bebês ressurgiu em mim e me fez seguir os estudos sempre pensando nos pequeninos.

O período de estágio em Educação Infantil contribuiu muito para minha formação, proporcionou muito conhecimento e vivências que só são possíveis dentro de uma sala de aula. As observações foram feitas no colégio Le Perini - Indaiatuba/SP- duraram um pouco mais de um mês e todos os dias foram registrados no caderno de campo e guardadas em minha memória.

As atividades realizadas que presenciei foram diversas, desde os cuidados com a higienização e a alimentação, aos estímulos e brincadeiras feitas todos os dias pelas profissionais, o ato de cada monitora observar atentamente o bebê enquanto ele manuseia um brinquedo, enquanto ele conhece o outro, a atenção de uma criança tão pequena enquanto alguém lê ou conversa com ela, a forma como o desenvolvimento dos bebês acontecia rapidamente e o modo como eles permitiam que me aproximasse mais deles, tornando possível uma conexão e troca entre nós.

Outra experiência muito significativa foi um projeto que participei como voluntária, numa instituição beneficente para crianças em situação de vulnerabilidade. Uma das ações realizadas foi a criação de uma biblioteca para estas crianças. O espaço da sala era pequeno, mas foi possível planejar e montar um ambiente muito aconchegante e prazeroso para que as crianças pudessem ter um tempo de descanso, com tatames e almofadas no chão, livros dispostos em prateleiras e móveis baixos, permitindo que escolhessem suas leituras e criassem uma conexão com os livros.

Essa soma de vivências me trouxeram até aqui, num caminho árduo de muita pesquisa e estudo, mas de gratificação e aprendizagem. O tema Literatura para bebês foi escolhido para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O objetivo geral é identificar e compreender as possíveis contribuições da bebeteca para a leitura e letramento literário no desenvolvimento dos bebês das creches. Compreender as leituras no espaço da creche, focalizando a mediação entre bebês, livros infantis e mediadores; conhecer os motivos para tal leitura; a importância do letramento literário; a metodologia adequada e a escolha dos livros infantis são os nossos objetivos específicos.

Para atingir estes objetivos, realizei uma pesquisa bibliográfica e documental, explicada no capítulo *“Notas metodológicas”*.

No capítulo seguinte, *“Infância: um breve contexto histórico”*, irei retomar os conceitos de infância e bebês ao longo da história do Brasil, que possibilitam compreender melhor sobre o mundo dos bebês neste contexto histórico.

No próximo capítulo, *“Creche: um espaço para educar e cuidar”*, tratarei, resumidamente, como se iniciou às creches, discorrendo sobre suas principais propostas educacionais, trazendo alguns avanços legislativos e como estes possibilitam um melhor desenvolvimento ao bebê.

Posteriormente, no capítulo *“Letramento Literário: da leitura do mundo à leitura da palavra”*, tratarei o livro como possibilidade de desenvolvimento do bebê, entendendo a importância da leitura em período de creche e como essa prática influencia na aprendizagem, leitura e comunicação dos bebês. Neste tópico também, irei explorar sobre o letramento literário para os bebês .

No capítulo *“Afim, o que são as bebetecas?”*, abordarei o espaço, acervo e mediação docente. Problematizarei sobre os livros de bebês, estudando as histórias, materiais e todas características dos livros, além de conhecer sobre este espaço de leitura para bebês: as bebetecas. Refletirei também sobre a arte de contar histórias, buscando esclarecer a necessidade de ler livros para os bebês ainda em creche e conhecer alguns métodos e materiais a serem utilizados pelos educadores durante este processo na atualidade.

Por fim, retomarei sobre as principais práticas e conhecimentos explorados neste TCC, possibilitando, através das *considerações finais*, evidenciar a importância do trabalho do mediador neste processo de Letramento Literário para os bebês nas bebetecas.

2. NOTAS METODOLÓGICAS

Após decidido o tema Literatura para bebês, meu orientador e eu delimitamos melhor o tema, decidindo que o ideal para este momento seria abordar o Letramento Literário para os bebês das creches, evidenciando as bebetecas e o desenvolvimento destes bebês através da prática de contação de histórias.

O primeiro passo foi realizar uma pesquisa bibliográfica para se apropriar de um repertório de obras que se dedicassem, especialmente, a pesquisar o bebê, a leitura e a creche, através de um levantamento inicial de pesquisas a respeito destes temas no Brasil.

Além disso, busquei referências que explorassem a fase de desenvolvimento dos bebês, me dedicando a leituras e fichamentos, tendo como base principal estudos de e sobre Pikler, Piaget e Wallon.

Depois procurei práticas de mediação entre bebês e livros, onde os educadores mediadores pudessem proporcionar um desenvolvimento pleno e de forma respeitosa ao bebê, possibilitando o letramento literário.

Após diversas pesquisas em livros e artigos científicos à procura desta relação entre o desenvolvimento dos bebês com as práticas de letramento literário, encontramos a dissertação de Letícia Hampel (2016), que tinha por tema a relação entre os bebês, as professoras e os livros de literatura, produzindo reflexões sobre a mediação da leitura no berçário, que foi muito significativa para a produção deste TCC, mostrando pontos importantes a serem considerados, como a prática de contação de histórias.

Decidimos que, além da pesquisa bibliográfica, faríamos um estudo documental para entender como documentos brasileiros abordam estas questões de trabalho com mediação literária dos bebês.

Consideramos a faixa etária de zero à um ano e seis meses para os bebês, assim como colocada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que chama este período de primeira infância, o qual foi o enfoque desta monografia.

Também analisamos o documento do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), observando que algumas obras eram destinadas às creches e seus bebês. A seleção de livros pelo programa possibilita uma melhoria

na qualidade das obras apresentadas à educação infantil, auxiliando a seleção realizada pelos mediadores de leitura, que serão apresentadas ao longo deste TCC.

Sendo assim, convido você a pensar no desenvolvimento dos bebês com os livros, conhecendo sobre o letramento literário nas bebetecas, apresentado nas próximas páginas.

3. INFÂNCIA: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Para compreendermos o trabalho de leitura desenvolvido nas creches brasileiras, é necessário antes conhecer a proposta de educação para essa fase e entender o caminho trilhado para alcançar o ponto em que estamos atualmente. Nesse sentido, Bujes (2001) destaca que as propostas para a educação de crianças variaram em relação aos conceitos de criança e infância.

O conceito que temos de infância hoje é bem diferente do que a sociedade tinha antigamente. Para Didonet (2001, p.12), a criança teve sua história narrada pelos adultos, numa visão adultocêntrica que por anos negligenciou os cuidados com os pequenos, ocasionando muito infanticídio, violência e exploração com o menor. De acordo com Veiga, Cintra e Almeida (2016), a criança sempre existiu na sociedade, mas o conceito de infância, como uma fase natural do ser humano, passou a ser visto e discutido a partir dos séculos XVII e XVIII. Airès (1986, p. 65) considera que

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

Na Idade Média e no início dos tempos modernos, os filhos eram cuidados por seus pais, mas a existência de família não implicava em sentimento que unisse emocionalmente seus membros, o que iria se desenvolver lentamente a partir do século XVII, onde surgiu certa afetividade que trouxe um sentimento de compaixão pelo ser infantil.

A pintura foi um grande destaque para a sociedade e de acordo com Airès (1986), os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns neste século. Foi também neste momento que os retratos de família tenderam a se organizar em torno da criança, que acabou por se tornar o centro da composição.

As crianças desde muito novas eram vestidas como pequenos adultos e nada no traje medieval separava essa fase da infância da fase do adulto. Como relata Airès (1986, p 70), “na Idade Média se vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social”. Mas a partir do século XVII, “a criança, ou ao menos a criança de

boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos.” (IDEM, p 70). Para o mesmo,

O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representadas usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras. (IDEM, p.91)

Desta forma, entendo que o conceito de infância foi gradualmente se desenvolvendo e tomando características diferentes quanto à classe social da criança. Com o decorrer dos anos, é possível observar mudanças em relação a esse conceito, mas alguns aspectos ainda estão enraizados no modelo de infância atual.

O século XIX teve como predominante o modelo filantrópico. De acordo com Didonet (2001, p 63), esse foi um século em que organizações sociais ofertavam serviços de acolhimento de órfãos, abandonados e famílias em extrema pobreza para serem abrigados em instituições, geralmente religiosas e beneficentes.

Algumas decisões governamentais e iniciativas sociais contribuíram para a construção da sensibilidade quanto à criança e possibilitaram uma melhoria nas condições de vida e desenvolvimento da infância.

Figura 1- Alguns marcos para o conceito de infância

ANO	AÇÕES REALIZADAS
1854	É regulamentado o ensino primário obrigatório, mas dele estavam excluídos os filhos dos escravos, as crianças não vacinadas e as com doença contagiosa.
1862	Lei proíbe separar os filhos de escravos de seus pais (primeira manifestação no campo jurídico do direito à convivência familiar).
1890/1891	Regulamentação do trabalho do menor: idade mínima de 12 anos (Decreto no 1.313).
1899	O pediatra e sanitarista Montecorvo Filho cria, no Rio de Janeiro, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que se tornou referência nacional, com um amplo escopo: inspecionar e regular as amas de leite; estudar as condições de vida das crianças pobres; organizar campanhas de vacinação; difundir conhecimentos sobre doenças infantis, etc.
1919	Montecorvo Filho cria o Departamento da Criança e o manteve, às suas expensas, até 1938.

1934	Constituição Federal: a primeira a fazer referência direta à criança, porém ainda restrita ao trabalho infantil (proibido aos menores de 14 anos), ao trabalho noturno (proibido aos menores de 16) e em indústrias insalubres (proibido aos menores de 18 anos). Além disso, dispôs sobre os serviços de amparo à maternidade e à infância
1940	A partir desse ano começam a ser formuladas políticas de estado para a infância.

Marcos evidenciados pela autora, a partir de Didonet (2001, p 63 a 65).

Analisando essa breve leitura histórica, é possível identificar algumas lacunas, como o fato de que não eram todas as crianças que constituíam assunto de Estado - somente as órfãs, deficientes, pobres, filhas de escravos, delinquentes e enjeitados – as demais continuavam sendo responsabilidade da família.

Para Didonet (2001, p 65), “não havia a noção de que aqueles serviços prestados fossem uma resposta aos direitos da criança, apenas às suas necessidades”. Neste período a infância era vista como objeto de cuidados e carências. O mesmo autor, considera que o século XX merece o qualificativo de “século da criança”.

Foi nesse século que muitos feitos e legislações foram desenvolvidas assegurando a proteção, saúde, vida social e educação para os pequenos. Um século marcado por duas grandes guerras mundiais e lutas étnicas que trouxeram inúmeros mortos, atrocidades e violências sem tamanho, mas que em meio a isso “invocou o rosto da criança”.

No Brasil, a primeira infância é tida como ciclo vital que abrange desde o nascimento até os 6 anos de idade. Nesta fase, a criança está se desenvolvendo e aprendendo. Fujimoto (2016, p.25) considera que

(...) é importante porque nela se estruturam as bases fundamentais do desenvolvimento humano, tanto físicas como psicológicas, sociais e emocionais, as quais vão consolidando-se e aperfeiçoando-se nas etapas seguintes de desenvolvimento. Desde o nascimento, tem-se um período intenso de desenvolvimento, altamente sensível, com potencial para se desenvolver e se educar com base nas experiências e oportunidades de aprendizagem que sejam oferecidas.

Para Piaget (1975), a inteligência está presente desde o nascimento. Em suas pesquisas, ele organizou a inteligência em quatro estágios: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e estágio formal. Neste TCC, trataremos com mais profundidade o primeiro, por estar relacionado ao bebê.

Neste estágio, a inteligência surge antes da linguagem e do pensamento. Piaget considera que o sensório-motor ocorre nos anos iniciais da criança. Este período

vai do nascimento até a aquisição da fala, e é marcado por um extraordinário desenvolvimento mental. Este período é decisivo para todo o curso da evolução psíquica, representa a conquista através, da percepção e dos movimentos, de todo o universo que cerca a criança. Esta “assimilação sensório-motora” do mundo exterior imediato realiza, em dezoito meses ou dois anos. (PIAGET, 1999, p.17)

Piaget (*apud* FRIGATTO e SILVA, 2018, p.29) afirma que:

a inteligência é uma adaptação, por isso, para aprender as suas relações com a vida em geral, se faz necessário definir quais as relações existem entre o organismo e o meio ambiente. Isso significa dizer que, para entendermos a evolução da inteligência, é indispensável conhecer as relações que o sujeito estabelece com o meio e como o meio influencia nesse processo, ou seja, de que forma a criança utiliza os objetos externos para aprender sobre eles através de ações coordenadas.

Desta forma, se faz necessário uma interação entre organismo e meio ambiente para que haja desenvolvimento. São essenciais objetos externos que possam favorecer condições de relacionamento e aprendizagem aos bebês, o que poderemos ver mais exemplificado no caso das bebetecas, com a utilização de livros e durante os momentos da contação de histórias, trazidas ao longo deste trabalho.

De acordo com Fujimoto (2016, p.25):

Além da evidência teórico-científica da neurociência sobre o desenvolvimento do cérebro e a formação das conexões neuronais, a grande relevância das interações das crianças com seus pais e familiares para construir estruturas afetivas, sociais e cognitivas aumentam o impacto que estas experiências têm para a transição à escolarização.

São diversas as pesquisas e estudos que consideram esta fase da infância como muito significativa e transformadora, sendo essencial para uma aprendizagem de qualidade e formação plena do indivíduo. Mas infelizmente, trazemos reflexos da trajetória do conceito de infância enraizados ao modelo de infância atual. Compartilho com Rocha (2002) que,

mesmo com as novas pesquisas que referenciam a infância, ainda temos dificuldades de entender o feito particular da criança, pois sabemos que a sua história é construída pelo adulto: seus valores, suas aprendizagens e experiências estabelecem-se a partir dessas relações.

É difícil superar as marcas deixadas pela trajetória histórica quanto à

infância, mas devemos prosseguir buscando melhorias para a formação destas crianças, partindo do primeiro período de vida, enquanto ainda são bebês bem pequenos e dependem de boas experiências para seu desenvolvimento pleno.

A pediatra e psicanalista francesa Françoise Dolto (1985) evidenciou que “falamos muito sobre a criança, mas não falamos com a criança”, o que nos traz a necessidade de entender, escutar e falar com afetividade, protegendo esse ser, numa fase que requer cuidados, educação e respeito. Mas veremos a seguir, que não foi essa motivação que originou as creches e pré-escolas.

4. CRECHE: UM ESPAÇO PARA EDUCAR E CUIDAR

Pensar sobre a creche não é uma tarefa a ser feita rapidamente, é preciso conhecer sua trajetória e compreender que nem sempre o seu percurso foi linear. Mesmo que muito necessário, o intuito deste trabalho não é construir uma ampla discussão teórica acerca da origem dessa instituição, mas refletir sobre a intencionalidade existente no trabalho da creche hoje, possibilitando entender os principais objetivos e práticas desenvolvidos com os bebês.

Analisando diferentes trabalhos (HADDAD, 1991; DIDONET, 2001; OLIVEIRA; PECCIN, 2016), é possível afirmar que as referências históricas da creche são unânimes quanto à função que originou a sua criação, trazendo como objetivo único o cuidar dos filhos pequenos enquanto as mães saiam para o trabalho.

Com a Revolução Industrial na Europa no século 18, as mulheres começaram a trabalhar nas indústrias deixando seus filhos, desde muito cedo, em casa, aos cuidados de familiares, irmãos mais velhos e muitas vezes o bebê sozinho.

Esse fato, segundo Didonet (2001, p.14), acabou ocasionando um grande aumento no número de mortalidade infantil e diversos acidentes domésticos, fazendo com que o bebê fosse vista pela sociedade como um problema a ser resolvido. A partir daí, surgiu a necessidade de criar uma instituição que pudesse, de certa forma, guardar as crianças.

De acordo com o relato de Brandão e Bastos (2017), inicialmente

a creche foi uma instituição assistencial e filantrópica, a cargo de ordens religiosas ou com a participação de sociedades de caridade criadas por damas da sociedade. A partir, principalmente, do final do século 19 e início do 20 passou por um processo de laicização sob a tutela do poder público e da sociedade civil.

Nesse período, a creche não era tida como um espaço legítimo de educação e desenvolvimento dos bebês. A visão assistencialista tornou-se popular desde então até os dias atuais, quando algumas pessoas ainda entendem a creche como auxílio para famílias pobres e sem uma grande importância para o desenvolvimento dos bebês que a frequentam.

No Brasil, a consolidação das leis do trabalho de 1943, determinou que as empresas com mais de 30 mulheres empregadas deveriam ter um lugar para a

guarda das crianças no período de amamentação. A creche não tinha nenhuma relação com a educação, sendo esta tarefa apenas da família. Segundo Didonet (2001), esta instituição era responsável pelo cuidar do bebê, zelando pela saúde, higiene e alimentação.

A educação infantil tornou-se um direito da criança e obrigação do Estado a partir da Constituição de 1988. O que representa um avanço no âmbito político e educacional, pois o que antes era visto como instituição assistencialista e sem cunho educativo, passa a compreender um trabalho em conjunto, onde cuidar e educar são de igual importância.

Depois da Constituição Federal de 1988 foram alcançados avanços significativos no âmbito da educação. Identifica-se, a seguir, uma linha do tempo com os principais documentos que têm contribuído para a formação do bebê e da criança pequena no período de Educação Infantil. Farei a seguir, uma brevíssima descrição de cada documento citado na figura 2, identificando seu principal objetivo.

Figura 2: Linha do tempo: marcos legais e históricos da Educação Infantil



Linha do tempo retirada do Parâmetros Nacionais De Qualidade Da Educação Infantil (BRASIL, 2018, p.18)¹

O Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (BRASIL, 1990) é o principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos e proteção das crianças e adolescentes. Este Estatuto contribui para cuidados com a primeira infância, acesso à educação e procura garantir os direitos respeitados e assegurados para todas crianças e adolescentes. Para Amorim e Rossetti-Ferreira (1999), o ECA

¹ O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil é, na realidade, de 1998, diferentemente de como aparece na figura.

estabeleceu que a criança é cidadã, devendo ser respeitada enquanto ser em desenvolvimento, com necessidades e características específicas, além de ser detentora de uma série de direitos: direito ao afeto, direito ao brincar e ao querer, direito de conhecer e sonhar, direito de ser criança.

O próximo documento é a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e, como princípios, traz a educação como dever da família e do Estado. Ele foi aprovada em 1996.

Oliveira e Miguel (2012, p. 4) constataram que

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) teve uma importante contribuição para uma nova concepção de Educação Infantil no país na medida em que este segmento passou a pertencer ao sistema educacional, constituindo-se na primeira etapa da educação básica.

Uma das contribuições da LDBEN para os bebês é a nova concepção de Educação Infantil, que possibilita que eles sejam compreendidos por um sistema educacional e atendidos em locais especializados, com profissionais capacitados.

Um outro documento importante, é o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil- RCNEI (1998). Ele é um guia para professores de educação infantil que auxilia no trabalho educativo:

constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras.(BRASIL, 1998, p.13)

Considerando a creche como espaço de educar e cuidar, o papel do profissional nesse espaço também deve ter objetivos e conteúdos a serem trabalhados. O trabalho docente no período de creche, tem uma grande importância quanto a relação adulto e bebê. Para Veríssimo e Fonseca (2013)

O Referencial Curricular expressa que o vínculo é necessário e consequência de algo anterior - compromisso, solidariedade e confiança: "Para cuidar, é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado"

Outros avanços importantes foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1999), a qual apresentaremos na versão de 2009 e a Política Nacional para Educação Infantil (2005) que não descreverei aqui neste TCC. Todos estes documentos surgem da necessidade de assegurar o acesso a uma educação

de qualidade, atendendo às crianças de 0 a 5 anos envolvendo as relações de educação e cuidado.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil - PNQEI (2006)² institui o Plano Nacional de Educação -PNE (2014/ 2024) que

determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional para o período entre 2014 e 2024. São metas estruturantes para a garantia do direito à Educação Básica com qualidade, que promovam a garantia do acesso, a universalização do ensino obrigatório, e a ampliação das oportunidades educacionais. (BRASIL, 2018, p. 18)

Esta relação de educação e cuidados com as crianças pequenas, necessita de recursos. Um marco importante destes recursos é o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) que tem como principal objetivo promover a redistribuição dos recursos vinculados à educação, que está regulamentado na Lei nº 11494/2007. Os recursos devem ser direcionados para que as políticas da EI respeitem os direitos fundamentais dos pequenos e, segundo Rosemberg (2010), “os recursos do FUNDEB para a EI são usados para a ampliação da oferta com equidade e melhoria da qualidade de creches e pré-escolas” contribuindo desta forma, com o trabalho desenvolvido para os bebês.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil- DCNEI (2010) em seu Artigo 9º, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, nas creches e pré-escolas, devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;

² Usarei neste trabalho a versão atualizada em 2018 dos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil.

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Parágrafo único - As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de integração dessas experiências (BRASIL, 2009).

Estes eixos visam as interações e as brincadeiras como forma de trazer aprendizagens e desenvolvimento integral às crianças, o que também nos leva a enxergar o espaço da educação infantil como lugar de desenvolvimento, com parâmetros educacionais, o que podem ser estendidos às bebetecas e ao letramento literário.

Nosso país tem avançado com políticas e ações que consideram os bebês e crianças pequenas e, apesar de ser uma longa jornada, muitas medidas estão sendo tomadas, como por exemplo, o fato de o Brasil ser signatário da Declaração de Incheon ODS4.

Tal declaração tem por objetivo assegurar para todos uma educação inclusiva, de qualidade e promover oportunidades de aprendizagens e encoraja os Estados-Membro para que “a oferta da Educação Infantil seja pelo menos um ano de educação pré-primária de qualidade, gratuita e obrigatória”. (BRASIL, 2018, p.19).

Outro avanço importante é o Marco Legal da Primeira Infância (2016), representado na LEI Nº 13.257, de 8 de março de 2016, que em seu Art. 2º considera primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança. Nele estão previstos direitos básicos como saúde, educação, assistência social, formação da cultura de proteção e promoção da criança. Este marco legal

visa evitar a segmentação de ações, aumentando a eficácia das políticas voltadas para a infância, definindo estratégias de articulação intersetorial. Esse dispositivo legal representa um expressivo avanço para a elaboração e a normatização das Políticas Públicas que priorizam o cuidado integral e integrado com a criança, desde a concepção até os seis anos de idade.(BRASIL, 2018, p.19)

Dessa forma, o período de zero à um ano e seis meses, considerados bebês, são a base para o período chamado primeira infância, onde na maioria das vezes os bebês se encontram em creches, sendo importante ter um olhar atencioso para o trabalho desenvolvido neste ambiente.

Observe a separação demonstrada no site da própria BNCC:

Figura 3: Separação de creche e pré-escola por faixa etária

CRECHE		PRÉ-ESCOLA
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)

Quadro retirado da BNCC (2017)

Segundo o art 29 da LDB, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo a única que está vinculada a uma idade própria: atendendo crianças de zero a três anos na creche e de quatro a cinco anos na pré-escola. Portanto, a etapa de creche tem como finalidade o desenvolvimento integral do bebê em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, o educar e cuidar são as concepções orientadoras para o momento de creche e pré-escola. O objetivo nesta fase é acolher e ampliar as experiências dos pequenos, propondo um trabalho complementar ao da família, possibilitando que haja socialização, autonomia e comunicação.

Existem seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento voltados a Educação Infantil destacados pela BNCC, que impõe necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas.

Figura 4: Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil segundo a BNCC

DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Quadro retirado da Base Nacional Comum (2017)

Dessa forma, o espaço de creche deve proporcionar aos bebês o convívio com outras pessoas (adultos e bebês), possibilitando que ele seja livre para brincar e participar, desenvolvendo diferentes linguagens e conhecimentos. O ambiente da creche deve permitir a exploração segura para esses bebês, propiciando a

expressão e autoconhecimento, para ser possível viver ativamente em seu contexto social.

No MEC a educação infantil é um direito humano e social de todas as crianças até seis anos de idade, “sem distinção decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços de rosto e cabelo), da etnia, nacionalidade, sexo, de deficiência física ou mental, nível socioeconômico ou classe social.” E, portanto, não está atrelada à situação trabalhista dos pais nem ao nível de instrução, religião, opinião política ou orientação sexual, portanto, a creche está como direito de toda família. (BRASIL, 2017)

Entretanto, o Plano Nacional pela Primeira Infância (BRASIL, 2010, p. 58) afirma que

junto com os avanços, convivemos ainda com uma difícil situação, que é a garantia do acesso à vaga na Educação Infantil, com situações distintas para os segmentos da creche e da pré-escola. Além disso, constata-se a permanência de discursos e práticas pedagógicas que refletem resquícios de uma história do atendimento à primeira infância, que ora pendia para um viés “preparatório” para o Ensino Fundamental, ora restringia o seu papel a um local de guarda e tutela das crianças, um mal necessário, muitas vezes tentando fazer um exercício de ilusória e equivocada substituição da família.

Resquícios estes que infelizmente ainda não superamos. Com essa trajetória descrita acima, é evidente que nosso país tem contribuído para a formação dos bebês no período de Educação Infantil. Contudo, ainda é necessário alcançar melhorias acerca da educação brasileira para os pequenos, de forma a contribuir com sua formação por completo: *social*, enquanto possibilita a mulher participar ativamente de funções na sociedade e exercer seus direitos, tirando dela a responsabilidade de educar os filhos sozinha; *educacional*, enquanto promove aprendizagem e desenvolvimento para os bebês; *político*, pois contribui com a formação do cidadão e atende o direito à educação para estes. Entre os pontos principais que temos que avançar estão as questões relativas ao acesso à creche e à qualidade do projeto pedagógico.

Sendo assim, é possível compreender a complexidade do trabalho realizado em creche. É nesse espaço que o bebê tem a possibilidade de interagir com pessoas do mesmo tamanho e idade dele, ter relações sociais, fazer amigos, conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Lisboa (1998, p.63) considera que

[...] as creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.

Considerando a intencionalidade existente no trabalho da creche nos dias atuais, a necessidade de propiciar aos bebês vivências que possam contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizagem, compartilharemos a seguir informações acerca da literatura infantil para o letramento literário de bebês em período de creche, contribuindo de certa forma, com saberes e práticas docentes que auxiliem em sua formação plena.

5. LETRAMENTO LITERÁRIO: DA LEITURA DO MUNDO À LEITURA DA PALAVRA

Sabemos que o bebê em período de creche está em plena formação e de acordo com o Documentário O Começo da Vida (O COMEÇO, 2016), o período de 0 a 3 anos é a fase em que mais se aprende. O cérebro do bebê tem muito mais atividade acontecendo do que a de um adulto e, é nessa época que está se fundamentando toda a estrutura para o desenvolvimento integral, podendo ser uma fundação sólida ou com interferências, que seguirá durante toda a vida.

Considerando que, no desenvolvimento dos bebês é importante que eles estejam envoltos de afeto, segurança e atividades que despertem o prazer, a curiosidade e a imaginação, possibilitando uma aprendizagem durante o brincar.

Reconhecemos que o livro permite conhecer a si, ao mundo e as palavras e que ele é uma das propostas para este momento de formação e aprendizagem dos bebês, entendendo a importância da leitura em período de creche.

5.1 O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS ATRAVÉS DE DIÁLOGOS COM A LEITURA

Para pensar sobre os primeiros anos de vida da criança, a pediatra húngara Emmi Pikler³ criou uma forma excepcional de ensinar e cuidar dos bebês e crianças pequenas em sistemas coletivos.

Ela acreditava na necessidade de buscar soluções originais, levando em conta os mínimos detalhes da vida cotidiana como uma fórmula de vida em longo prazo. André e Silva (2018) relatam que Pikler

embasou a sua metodologia em princípios que definem a importância dos conhecimentos da saúde e da educação para alicerçar o desenvolvimento sadio das crianças na etapa da primeira infância. São os seguintes esses princípios: a importância da atividade autônoma; o valor do vínculo afetivo entre a educadora e a criança; o ambiente - favorável ao conhecimento - previsível pelo bebê, seja o ambiente dele mesmo seja o de seu entorno; e a importância dos cuidados básicos – troca de fraldas; banho e alimentação – para a saúde física e mental do bebê.

³ Pediatra formada em Viena, foi responsável por um abrigo para crianças órfãs e abandonadas, após a Segunda Guerra Mundial. Baseou suas pesquisas na observação e no registro minucioso do desenvolvimento de bebês, conhecida pelas suas contribuições no Instituto Lóczy e por seus princípios piklerianos. (FALK, 2016)

Consideramos a importância da atividade autônoma do bebê, pois segundo Pikler (*apud* ANDRÉ e SILVA, 2018), a “autonomia na primeira infância está intimamente ligada à capacidade do adulto em respeitar a criança e ter interesse por ela e pelo que ela faz.” Sendo assim, para um bom desenvolvimento é necessário exploração e autonomia para uma aprendizagem significativa.

É preciso que o adulto respeite o bebê, não subestimando a quantidade de atividade que acontece na vida dele, deixando-o seguro para explorar e conhecer, através de suas próprias sensações, o mundo ao seu redor, aumentando seu potencial através do ambiente e das relações com os outros.

Neste processo de autonomia⁴ do bebê, o papel do adulto (no caso da creche, o educador) deve estar sempre atento e observando as descobertas e necessidades de cada bebê. André e Silva (2018) destacam que

A priori pode parecer difícil desenvolver essa forma de relação com as crianças nos ambientes coletivos. Entretanto, a atitude da professora de cultivar um olhar e uma escuta atentos aos pequenos possibilitará a eles novas percepções do desenvolvimento motor, emocional e cognitivo.

Portanto, é preciso que os professores que atuam nas creches estejam sempre buscando uma posição de observador e provocador, possibilitando ao bebê uma aprendizagem plena. Pois, como evidenciado por Piaget (1999, p.17) o período em que o bebê está (chamado por Piaget de sensório-motor) “representa a conquista através da percepção e dos movimentos”, com isso o(a) educador(a) deve acreditar no potencial do bebê e permitir que ele se desenvolva.

Falk (*apud* FRIGATTO e SILVA, 2018, p. 43) considera que

Uma boa relação durante os cuidados e que atenda às necessidades essenciais da criança fazendo com que ela entenda o sentimento de segurança, confiança e afetividade, contribui para experiências positivas em relação ao seu desenvolvimento.

Importante ressaltar que a autonomia dada ao bebê não significa o abandono. É uma possibilidade para que ele explore de maneira segura, uma forma de demonstrar para o bebê que existe confiança pelo que ele faz.

⁴ A palavra autonomia aqui refere-se ao fato dos bebês se tornarem capazes de tomar decisões por eles mesmos, mas não desconsidera a necessidade de um adulto supervisionando atentamente o processo.

Uma prática possível no ambiente de creche para exercitar esse princípio de autonomia, é a mediação literária⁵. No documento Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações, vemos que

“A questão da mediação é central nos processos e práticas de leitura, especialmente no caso de livros de literatura endereçados à Educação Infantil, já que são inúmeros os mediadores que se interpõem entre o livro e a criança.” (BRASIL, 2015, p.167)

Baptista (*apud* HAMPEL, 2016, p.33) acredita que “a leitura ajuda a criança a satisfazer sua intensa curiosidade e seu desejo de aprender e de descobrir tudo o que puder sobre o mundo”.

Como visto nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos pela BNCC (2017), “explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, ampliando seus saberes em diferentes modalidades como a escrita e a tecnologia”, contribuem com a aprendizagem e desenvolvimento dos bebês. Portanto, oportunizar aos bebês o contato físico com os livros, permitindo que possam folhear, tocar, rasgar, colocar na boca, sentir e explorar o seu material, faz total sentido como propulsor ao desenvolvimento deles.

Outro princípio destacado por Pikler é o vínculo afetivo entre bebê e educador. Este afeto recebido nos primeiros anos de vida é um dos pontos mais importantes e que influencia na maneira como o bebê se desenvolve e aprende.

A afetividade é necessária para a formação de pessoas seguras e capazes de socializar com o mundo, é muito importante no processo escolar e é imprescindível para o ensino da Educação Infantil, como evidente no direito de aprendizagem *Conviver*⁶ da BNCC. (BRASIL, 2017).

Um outro autor que enfatiza em suas teorias a relação entre o afeto e a cognição para o desenvolvimento e construção de um ser humano é Wallon (1995, p.228). Para ele,

⁵ Mediação significa estar entre duas coisas. Neste caso literário, é o papel do educador de estar entre o livro e o bebê.

⁶ Ver figura 4, na página 29 deste TCC.

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente.

Dessa forma, os fatores orgânicos seriam aqueles derivados da constituição biológica (que nasce com o bebê) e o fator social é aquele apropriado (condições variáveis do ambiente e pessoas que cercam o bebê). Sendo assim Wallon defende que o processo evolutivo depende não só da capacidade biológica do indivíduo, mas também do meio em que vive, se este vai dispor de recursos que irão provocar o seu desenvolvimento.

Seguindo as ideias do filósofo francês Wallon, a afetividade seria a primeira forma de interação e teria um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, sendo por meio dela que pensamos que o bebê exterioriza seus desejos e suas vontades, podendo transformar o desenvolvimento desse ser tão pequeno. Ele sustenta a ideia de que a afetividade é crucial para o desenvolvimento da criança e que a vida psíquica do ser humano é composta pelas dimensões afetiva, motora e cognitiva e que estas atuam de forma conjunta.

Portanto, para fundamentar de forma sólida toda a estrutura de desenvolvimento de um ser humano, é necessário um adulto preparado (no contexto da creche, um(a) docente com formação continuada) que constrói vínculos afetivos com o bebê, num ambiente seguro e que permite atividades que proporcionem conhecimento.

As relações que o bebê tem influenciam na sua forma de reagir, como quando um cuidador não o olha nos olhos e não o segura com amor, pode deixá-lo triste e deprimido. O bebê tem emoções e é papel do adulto ajudá-lo a conhecer e controlar os diferentes sentimentos.

Sylvia Nabinger, a representante da Rede Pikler no Brasil, traz a filosofia de Pikler como um

profundo respeito pela criança no seu ritmo e interagindo com o adulto em todos os momentos do cotidiano, através do olhar atento, do toque cuidadoso no manuseio do corpo do bebê e prestando atenção na interação, tanto do cuidador, como do bebê. Este processo de cooperação mútua permite ao bebê conhecer o educador, e vice-versa, possibilita o desenvolvimento da capacidade de se comunicar e aumentar a confiança com o adulto. (BRASIL, 2016, p.119)

Neste processo, a leitura de histórias surge como meio para auxiliar os adultos nessas relações com os bebês. No âmbito da creche, o momento de leitura pode tornar-se prazeroso e significativo, um espaço de conexão entre docente e bebê, contribuindo com a formação emocional desse ser tão pequeno. Para Tossi e Cavallari (2018, p. 37) é

por meio da contação de histórias na Educação Infantil que a criança desenvolve o emocional e a percepção de mundo diante dos fatos e acontecimentos relatados nos contos, passando ainda a desenvolver o gosto pela leitura, estimulando a imaginação. As histórias quando trabalhadas durante a infância, influenciam na construção da autonomia e autoconfiança da criança, para que no futuro o torne um cidadão social, crítico-político.

Para tanto, os docentes que atuam nas creches devem ser capacitados para acolher e ampliar as experiências dos pequenos com a leitura, possibilitando o processo de socialização que, segundo Giddens (*apud* FERNANDES, 2012, p. 55), “é o processo pelo qual o bebê se torna autoconsciente e hábil na maneira da cultura em que nasceu”. Esse processo se dá através da família, do contato entre mãe e recém nascido e das pessoas que os cercam, assim como no espaço de Educação Infantil.

Hampel (2016, p. 24) acredita que nas creches

as crianças estão sendo introduzidas num espaço novo de socialização, podendo participar de uma série de situações que estimulam sua curiosidade. Nesse processo, nas salas de berçários, as situações de leitura podem ir conquistando, progressivamente, a atenção dos bebês.

A leitura para bebês colabora com sua formação, podendo auxiliar no seu desenvolvimento. Lira (2019, p.19) relata que se percebe

o despertar de vários estímulos que a aplicação da leitura para os bebês pode proporcionar ao seu desenvolvimento, como estimular o bebê a olhar, apontar, tocar, imitar sons, reconhecer imagens, virar páginas e mais tarde, repetir palavras. Tudo isso faz parte do desenvolvimento social, linguístico e psicológico.

O ambiente é outro princípio destacado por Pikler (*apud* ANDRÉ; SILVA, 2018). Sabe-se das influências que os bebês sofrem com as condições externas,

assim como um ambiente barulhento pode irritá-lo ou fazer com que fique agitado, um ambiente bem preparado possibilita uma aprendizagem significativa.

Portanto, entende-se o ambiente de creche como possibilidade para estimular aprendizagens aos bebês. Pinto (2018, p. 31) relata que “com as experiências que vivencia na família e com seus cuidadores, a partir dos estímulos do ambiente, a criança elabora suas aprendizagens utilizando os meios de que dispõe.”

É preciso que o espaço físico da creche considere os aspectos para o desenvolvimento do bebê, como a necessidade de ser um ambiente seguro, permitir a movimentação corporal, sendo acolhedor e estimulador, tornando possível aprender e desenvolver-se enquanto brinca e explora, assim como deve ser as bebetecas.

Um adulto tem dificuldades para se concentrar quando está num ambiente barulhento, sentindo sede ou fome, normalmente não consegue participar de uma atividade simples quando precisa ir ao banheiro ou está doente, então por que com os bebês seria diferente? Pikler destacou os cuidados simples, como princípios para um desenvolvimento sadio, pois para possibilitar um bom desenvolvimento não se pode esquecer dos cuidados simples e básicos, como dar banho, alimentar e proteger a saúde do bebê.

Para Sylvia Nabinger, os princípios de Pikler nos remete que

Por parte do cuidador, é preciso prestar atenção no próprio corpo, uma vez que este é o instrumento de trabalho principal na relação com o bebê. Por exemplo, cuidar da temperatura das mãos, cuidar com acessórios como pulseiras, anéis e demais adornos, unhas longas, movimentos rápidos e invasivos sem serem nomeados, ou seja, sem colocar em palavras gestos do cotidiano. Pois é disso que se trata, um corpo de linguagem. É toda uma formação detalhada dos cuidados de como olhar, como tocar e como falar com o bebê, baseada na observação. (BRASIL, 2016, p.119)

Para uma formação sólida, é importante o contato com o mundo, as interações com os outros, sentir texturas, brincar e explorar a si e ao seu entorno. Mas para tanto, o bebê precisa estar com fraldas limpas, barriga cheia e saudável.

Compreendemos assim, a importância da atenção dos educadores na creche. Sendo um trabalho que precisa de cuidados e segurança, para permitir ao bebê uma aprendizagem significativa e sem traumas.

Todos os princípios de Pikler (*apud* ANDRÉ; 2018) - a autonomia, a afetividade, o ambiente adequado e os cuidados básicos - devem estar presentes na

relação do(a) docente com os bebês nas creches, possibilitando um desenvolvimento completo deles.

Faria, Flaviano, Guimarães e Faleiro (2017, p.40), consideram que embora a Educação Infantil

não tenha a função de alfabetizar a criança, ela é uma etapa fundamental para o desenvolvimento de habilidades ligadas à oralidade, cognição, desenvolvimento psicomotor, criatividade, imaginação, raciocínio, noção espacial, interação, socialização, dentre outras, que serão fundamentais para que o processo de leitura e escrita aconteça posteriormente de forma mais natural e significativa.

Dessa forma, identifica-se a leitura para bebês (de zero a um ano e seis meses) no ambiente de creche, uma oportunidade de estimular diferentes aprendizagens e uso dos livros. Como por exemplo, o gosto pela leitura, a socialização e comunicação, que são possíveis através do trabalho de mediação feita pelos educadores entre textos e bebês.

Para Faria (2018, p. 69), o(a) docente mediador(a) “contribui para o desenvolvimento psicossocial do bebê por meio da mediação de leitura de maneira positiva, uma vez que possui capacidade, habilidade e afeto na relação com os bebês.” Por esta razão, para que ocorra a efetivação da mediação de forma plena, é importante ter um trabalho estruturado nas creches e que permita diferentes aprendizagens, conforme iremos explorar no próximo tópico.

5.2 APRENDIZAGEM, LEITURA E COMUNICAÇÃO

Atualmente, existe uma intencionalidade no trabalho realizado nas creches, espera-se que o bebê vivencie e desenvolva diferentes aprendizagens, mas para tanto, é imprescindível um trabalho estruturado.

Para isto, a BNCC (2017) pensou numa organização curricular da Educação Infantil, onde trouxe cinco campos de experiências, nos quais são definidos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Figura 5: Campos de experiências definidos pela BNCC

Campo de experiência	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
O eu, o outro e o nós	o qual pensa sobre a interação do bebê, onde vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na creche...) e constroem percepções sobre os outros e sobre si, podendo valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.
Corpo, gestos e movimentos	campo em que as crianças conhecem e reconhecem seu corpo, por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro e as brincadeiras de faz de conta. Elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.
Traços, sons, cores e formas	permite vivências em diversas formas de linguagem e expressão, como as artes visuais, a música, a dança, o teatro, etc, possibilitando que as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca.
Escuta, fala, pensamento e imaginação	participação em situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem, vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	relacionada com o tempo e espaço que as crianças vivem, são experiências que possibilitam ampliar o conhecimento do mundo físico e sociocultural.

Extraído da BNCC (2017)

Vale destacar que a BNCC reconhece as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil e, embora objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estejam sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica.

Portanto, todos estes campos são muito importantes e precisam ser analisados e estudados para um bom trabalho docente. Entretanto, neste momento faremos um recorte sobre o campo **Escuta, fala, pensamento e imaginação**, que possibilita abordar a leitura para bebês entre zero à um ano e seis meses de idade.

Figura 6: Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento destacados pelo campo de experiência da BNCC

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)
(EI01EF01) Reconhecer quando é chamado por seu nome e reconhecer os nomes de pessoas com quem convive.
(EI01EF02) Demonstrar interesse ao ouvir a leitura de poemas e a apresentação de músicas.
(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).
(EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor.
(EI01EF05) Imitar as variações de entonação e gestos realizados pelos adultos, ao ler histórias e ao cantar.
(EI01EF06) Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.
(EI01EF07) Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, <i>tablet</i> etc.).
(EI01EF08) Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).
(EI01EF09) Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.

Quadro retirado da Base Nacional Comum Curricular (2017)

Segundo este campo de experiência e seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas e nas implicações com as múltiplas linguagens que o bebê se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. De acordo com a BNCC (2017),

as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.

O campo de experiência ***Escuta, fala, pensamento e imaginação*** também prevê que, a leitura para bebês, de zero à um ano e seis meses, auxilia no desenvolvimento e aprendizagem dos grupos que constituem a etapa da creche.

Faria (2016, p.27) acredita que “a contação de histórias pode ser o meio pelo qual o bebê se relaciona, produz, reproduz e transforma significados em função de seus interesses e necessidades”. Sendo assim, a leitura de livros infantis é uma forma de impulsionar o desenvolvimento dos bebês.

Para Hampel (2016, p.34),

Esse potencial de interação e criatividade dos bebês com os livros, seus colegas e mediadoras é, para nós, de fundamental importância. Os livros, diferente dos brinquedos e outros recursos pedagógicos oferecidos aos bebês, trazem consigo possibilidades de explorar a linguagem (oral e escrita) em suas diferentes formas.

Nesse sentido, os bebês vão formando e ampliando seu vocabulário, podendo participar de situações comunicativas e interagir com as pessoas que o cercam. Dessa forma, espera-se que o bebê comece a dominar diferentes linguagens, que Pinto (2018, p.31) traz como sistema simbólico utilizado para a comunicação humana, por meio da fala, escrita ou outros signos, tendo diferentes linguagens como possíveis formas para efetiva comunicação, como a linguagem verbal ou não-verbal.

Pinto (2018, p.32) considera que

A aquisição e desenvolvimento das linguagens são processos complexos, principalmente quando se trata de bebês, que se comunicam inicialmente a partir de linguagens como o choro e as expressões faciais e, logo, com os gestos, as pequenas palavras e frases (...)

Para os bebês a linguagem corporal (forma não-verbal, pois se concretiza através de movimentos corporais) torna possível a expressividade, que é um aspecto essencial nas situações de interação e evidencia-se por meio do choro, balbúcio, bem como de expressões faciais e gestos, para a manifestação de seus

sentimentos, vontades e desagradados.

Sobre o desenvolvimento da comunicação dos bebês, Pinto (2018) observa algumas características de aprendizagens que são esperadas para a sua formação plena, sendo possível identificá-las por idade, considerando os bebês até um ano e seis meses.

Figura 7: Características de aprendizagens para comunicação dos bebês

Idade	Desenvolvimento esperado do bebê
1 mês	Diferenciar as falas de outros sons e utilização de uma linguagem própria.
3 meses	Começar a balbuciar e perceber de onde vêm os sons, procurando-os e respondendo através do olhar e do sorriso.
6 meses	Produzir sons, ainda sem sentido, criando palavras como mama e papa, chamada linguagem materna. Utilizando diferentes entonações nas suas vocalizações.
10 meses	Apresentar a capacidade de imitação dos sons que ouve. Perceber as influências do ambiente e utilizar palavras e gestos para conseguir o que deseja.
1 ano	Inicia-se o estágio linguístico, que é caracterizado pela maturação do aparelho fonador. A criança utiliza a chamada palavra-frase, ou seja, usa apenas uma palavra para comunicar o que deseja.
1 ano e 6 meses	Espera-se que a criança apresente um vocabulário de aproximadamente cinquenta palavras, mesmo que não pronunciadas corretamente.

Tabela construída com as contribuições de Pinto (2018, p.36 e 37).

Assim como na BNCC, nesta sequência são trazidas características por idade, que não precisam ser consideradas de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na aquisição de linguagem dos bebês, que precisam ser consideradas nas práticas pedagógicas.

Compreendemos assim uma sequência lógica no aprendizado da comunicação. Segundo Cairuga, Castro e Costa (*apud* PINTO, 2018, p.35) essa comunicação inicial “dá-se pelo choro, sorriso, grito, bocejo, gemido, etc., basicamente relacionados a reações fisiológicas do bebê.” Posteriormente, são aprendidos outras formas de expressão, como os gestos e entonações, e por volta dos dois anos, desenvolver a fala linguística, onde compreende a língua como forma de comunicação social.

Para Vygotsky (1987), o exercício efetivo da linguagem permite, a partir da aprendizagem linguística, o desenvolvimento cultural em dois níveis: o social, quando permite relações com o outro e possibilita uma participação ativa no contexto em que vive; e o individual, pois proporciona novas aprendizagens que permitem um desenvolvimento integral.

Maia (2011, p. 145), acredita que para Vygotsky

a mediação, no âmbito educacional, pode ser entendida como um processo interacional entre crianças e professores que leva à formação de conceitos acadêmicos por intermédio da linguagem, em particular, do uso e compartilhamento de diversos códigos linguísticos.

Com isso, identificamos na mediação de leitura em creches uma possibilidade para a formação dos bebês, pois contribui com as relações entre professor(a) e bebê, permite o desenvolvimento da linguagem e introduz, de forma natural, o mundo das palavras.

5.3 O LETRAMENTO LITERÁRIO PARA BEBÊS EM CRECHE

O papel da mediação literária na creche é dar visibilidade à linguagem a fim de introduzir os bebês no universo dos letramentos desde a primeira infância. Cosson (*apud* HAMPEL, 2016, p.25) reconhece

que os primeiros contatos com o livro podem acontecer no contexto familiar, entretanto, nos interessam as situações de leitura com bebês no contexto da creche, em que a professora é a principal mediadora na efetivação do *letramento literário*.

Mas antes de entendermos sobre o letramento literário, é importante pensar sobre os diferentes tipos de letramentos. Segundo Faria e Mello (2005, p.12) “letramento é certamente o termo mais usado em tempos recentes, recebendo diferentes interpretações dependendo do raciocínio e do referencial teórico”.

Magda Soares (2017, p.17) buscou a origem da palavra *letramento* na língua inglesa, onde *literacy* tem o sentido da “condição de ler e escrever”, significando alfabetização, enquanto no português não possui o mesmo sentido. Na língua portuguesa, a palavra letramento tem como significado o “resultado de uma ação”, portanto tem como sentido a apropriação da escrita e leitura.

Letramentos são, uma preparação para que a criança se desenvolva com

mais facilidade e criticidade, possibilitando a aprendizagem através de vivências.

Por compreender os letramentos como vivência, é necessário entender o termo em sua pluralidade, já que portanto existem diferentes tipos de letramentos, como exemplo o letramento escolar, o letramento visual, o letramento digital e o letramento literário, o qual nos aprofundaremos a seguir.

Segundo o verbete *letramento literário* do glossário para educadores CEALE, “letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (COSSON, 2006). Dessa forma, as práticas realizadas nas creches devem ser voltadas à contemplação de atividades que estimulem o contato dos bebês com livros, histórias e literaturas infantis, mediadas pela leitura da palavra oferecida, dentre outras formas, possibilitando apropriação de diferentes linguagens.

Silva (2015, p. 217) argumenta que Vygotsky

defende que o desenvolvimento da linguagem na criança desempenha o norte do seu desenvolvimento como um todo, pois é a partir da tentativa de dominar linguagem que a criança pequena inicia relações com as pessoas e as coisas em seu entorno.

Com base neste argumento, Silva (2015, p.217) considera que “o letramento literário nesse período da vida contribui para o alargamento não só das experiências linguísticas como também do desenvolvimento integral da criança.”

O letramento literário deve contribuir na experiência com os livros, possibilitando uma interpretação de diferentes histórias, sons e acontecimentos, facilitando ao bebê uma aprendizagem e desenvolvimento pleno de suas funções.

Cosson (2006) acredita que “precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida” e que “não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra”. Portanto, consideramos que é imprescindível permitir que os bebês possam interagir com as obras literárias, deixando que toquem nos livros, coloquem na boca, rasguem e possam sentir as texturas do livro.

Para o autor, cabe ao professor “acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios”. (COSSON, 2006)

Na educação infantil, os letramentos devem construir bases que possibilitem

às crianças participar do mundo e da cultura escrita. Entendendo letramento literário como experiências literárias, que permitem a convivência do bebê com as palavras e proporcionam aquisição de vocabulário, além do convívio com ilustrações, diferentes sons e manipulação de diferentes formatos, é possível identificar a necessidade de um trabalho pedagógico bem planejado.

Pinto (2018, p.44) destaca que

A literatura infantil oferece a possibilidade de a criança conhecer e interagir com as diferentes culturas e ter contato com este objeto carregado de significados, imaginação, valores, histórias. Os conflitos veiculados nas obras têm o poder de mexer com os medos, alegrias e sentimentos que, muitas vezes, os pequeninos ainda não conseguem expressar oralmente, mas por meio da escuta, da interação com o livro – palavras e imagens - constroem a leitura do mundo ao seu redor.

Sendo assim, Ramos (*apud* HAMPEL, 2016, p.35) afirma que “os pequenos se relacionam com a situação de leitura e constroem conhecimentos a partir dela em virtude das possibilidades interativas de que dispõem desde o nascimento”.

Portanto, temos uma aliança entre o desenvolvimento do bebê, a leitura de literaturas infantis e o trabalho realizado em creche pelo(a) docente mediador(a), que possibilita diferentes desenvolvimentos como coordenação, imaginação, ampliação do vocabulário, auxilia o processo de socialização e compartilha aprendizados como a linguagem e a escuta.

Senhorini e Bortolin (2008, p. 127) destacam que

O incentivo ao prazer da leitura em crianças pode ser realizado em diferentes ambientes, desde que eles atendam às necessidades físicas, sociais e psicológicas das crianças, porque o ambiente precisa ser rico e diverso, que estimule os cinco sentidos e o espaço emocional (...)

Um dos objetivos deste TCC é compreender as leituras no espaço da creche, focalizando a mediação entre bebês, livros infantis e mediadores. Desta forma, iremos explorar no próximo capítulo o espaço que permite essa relação: a bebeteca.

6. AFINAL, O QUE SÃO AS BEBETECAS?

As bebetecas são um espaço relativamente novo no Brasil, mas vêm ganhando notoriedade, pois permitem o envolvimento do bebê no mundo lúdico, despertando a curiosidade e o prazer pela leitura.

Senhorini e Bortolin (2008, p. 129) relatam que a palavra bebeteca não foi pensada ao acaso, mas sim trazida da França e discutida pela primeira vez na 5ª Conferência Européia de Leitura realizada na Fundação Germán Sánches Ruiperez da cidade de Salamanca, Espanha, no ano de 1987. A partir daí foram se espalhando por outros países como Estados Unidos, Portugal, Chile, Argentina, entre outros.

Após longos estudos e pesquisas buscando compreender o mundo das bebetecas, as autoras concluíram que se trata de

uma biblioteca especialmente destinada para os bebês, seus pais ou responsáveis em trabalhar todas as possibilidades de leitura envolvendo a criança no mundo lúdico, despertando primeiramente, o prazer e a paixão pela leitura. (...) também procura estimular nas crianças o gosto de estar no ambiente da biblioteca (...) (SENHORINI; BORTOLIN, 2008, p. 129)

A faixa etária sugerida para o uso da bebeteca é a partir dos 8 meses, mas neste trabalho evidenciamos a necessidade de começar a leitura desde os primeiros dias de vida, propondo assim bebetecas especializadas ao bebê presente na creche, mesmo antes desta sugestão.

Para Baptista (2012) no verbete *bebeteca* no Ceale, as bebetecas são bibliotecas especializadas no atendimento à primeira infância, que possuem duas funções:

1. Promover situações de leitura para crianças que se encontram na fase incipiente de contato com a linguagem escrita e que ainda não fazem uso autônomo dessa linguagem; e
2. Capacitar promotores de leitura – pais, professores, bibliotecários e voluntários – para realizarem apropriadamente a escolha de textos e para desenvolverem mediações adequadas entre o livro e as crianças.

A primeira função é voltada ao letramento literário, pois permite o contato do bebê com a literatura, enquanto a segunda função tem caráter de formação, permitindo a capacitação de mediadores para trabalhar neste espaço.

6.1 O ESPAÇO

Entendemos como bebeteca um espaço destinado a livros infantis, que permite a exploração e leitura destes. É necessária atenção em alguns detalhes importantes para este primeiro contato entre bebê e livro. Baptista (2012) observa que

É preciso que o espaço físico considere a necessidade de movimentação corporal e, ao mesmo tempo, viabilize um ambiente acolhedor. Os livros devem ser dispostos em estantes resistentes e cujas prateleiras permitam o livre acesso das crianças. Além das estantes, é necessário que haja cestos ou caixas onde os livros possam ser guardados de acordo com critérios flexíveis; por exemplo, com base nas temáticas, nos materiais, nos tamanhos, nos formatos dos livros.

Com isso, compreende-se a relevância de ter um espaço apropriado para o momento de leitura, assim como para contações e vivências tidas por bebês com os livros.

Senhorini e Bortolin (2008) evidenciam seis objetivos para que as bebetecas possam contribuir de forma adequada aos bebês, crianças e adultos mediadores de leitura.

Figura 8: Objetivos da bebeteca

Característica	Objetivo
<i>Espaço adequado para o incentivo à leitura em crianças:</i>	devendo oferecer um ambiente físico e social adequado às crianças que possuem de 8 meses a 5 anos de idade e necessitam de cuidados mais específicos. Este espaço deve possibilitar uma relação entre bebês e adultos mediadores e todas as atividades desenvolvidas nesse espaço são exercícios de percepção que contribuirão para a aprendizagem e leitura.
<i>Estímulo à imaginação e à criatividade:</i>	Por ser um espaço criado para o bebê, deve atender da melhor maneira possível, a necessidade imaginativa e criativa. Permitindo que através dos livros e, como destacado pelas autoras, a hora da contação (uma das principais atividades da Bebeteca), possam ser levados a hábitos de leitura e ampliem sua imaginação.
<i>Ambientação da criança ao espaço da biblioteca:</i>	Sendo um espaço destinado a aprendizagem através do brincar, a ambientação deve ser convidativa, fazendo com que os bebês sintam-se familiarizados com as cores, móveis, livros, tapetes e com as demais pessoas presentes na bebeteca.
<i>Aumentar a interação dos bebês com os pais:</i>	Durante todo o tempo em que os bebês estão na bebeteca devem ser acompanhados de um responsável, que observe e participe das atividades, criando uma interação com os bebês.
<i>Auxiliar o desenvolvimento sócio-psicológico da</i>	Na bebeteca os bebês estão em contato com outros bebês e mediadores, ampliando seu círculo social e seus relacionamentos

<i>criança:</i>	interpessoais, além de que com as leituras que serão trabalhadas neste espaço, eles conhecerão, mesmo que pela imaginação, novos ambientes sociais por meio das histórias.
<i>Demonstrar aos pais ou responsáveis a importância da leitura na vida dos bebês desde muito cedo:</i>	É perceptível aos olhos dos adultos o desenvolvimento que ocorre no bebê quando ele tem contato com os livros, e esta observação é um argumento fortíssimo para a assiduidade destes usuários no espaço da biblioteca.

Figura construída através das contribuições de Senhorini e Bortolin (2008)

A pesquisa de Bortolin e Senhorini (2008) é voltada à bebeteca, diferenciando-a “de lugares tradicionais como parquinhos e creches, que até praticam atividades de leitura, mas possuem outros objetivos como a guarda e segurança das crianças na ausência dos pais”. Entretanto, gostaria de dialogar com os objetivos trazidos pelas autoras, para a bebeteca dentro das creches, acreditando que, por a bebeteca se tratar de um espaço de atenção ao bebê na prática da leitura, as creches podem e devem proporcionar essa vivência.

A creche é um ambiente que deve permitir vivências e contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos bebês, sendo necessário possibilitar experiências com a literatura infantil, propostas por um(a) mediador(a).

Hampel (2016) acredita que o berçário é, na maioria das vezes, um espaço de inauguração dessa relação do bebê com o livro, devendo ser um ambiente que permita coletividade (biblioteca), mas que também proporcione intimidade (cantinho de leitura). Para ela é imprescindível garantir um contato íntimo presente nos locais de leitura que se oferecem nas salas.

Hampel (2016, p.44) enxerga que estes “cantinhos de leitura”

podem ser estruturados em um determinado local fixo, através de prateleiras baixas, pequenas estantes e outros elementos do mobiliário. E podem, também, ter a estrutura “desmontável”, em que o espaço é delimitado por um tapete com cestos, caixas ou malas, por exemplo, que são colocadas e retiradas após a sessão de leitura.

O que nos permite retomar sobre a importância da atividade autônoma para os bebês, pois através desses cantinhos de leituras os bebês podem ter seu interesse respeitado, já que os livros estão dispostos de modo a facilitar a escolha feita por eles. As prateleiras baixas e os livros na altura do bebê, são outras formas de proporcionar a exploração e autonomia durante o momento de leitura.

Importante ressaltar que além da forma de apresentar esses livros, é preciso pensar sobre o acervo literário.

Para Senhorini e Bortolin (2008, p.134), os materiais que devem formar o acervo das bebetecas devem ser de livros de papel; livros de banho; livros de pano; livros de espuma; livros de papel cartonado; brinquedos; fantoches; periódicos diversificados; materiais de apoio para a hora do conto (palco, cenário, entre outros).

É importante o mediador explorar as características dos livros para bebês, pensar sobre os critérios para escolha destes livros e refletir sobre o que eles causam no bebê.

6.2 MEDIAÇÃO DOCENTE

A creche deve ser um meio para que haja trocas, interações e aprendizagem. Para André e Silva (2018, p.), deve ser um ambiente onde

a professora, o bebê e a criança pequena são atores sociais no processo de ensino e aprendizagem; professoras e alunos aprendem em interação; ensinar não deve ser uma ação de mera transmissão de conteúdos, principalmente quando nos referimos à etapa da primeira infância, na qual os bebês desafiam as práticas curriculares tradicionais a todo o tempo.

Para tanto, alguns conhecimentos de base são essenciais para fundamentar as direções do trabalho com os bebês e crianças bem pequenas. Deve haver uma formação polivalente, sendo necessário que o(a) docente possua conhecimentos: “*higiênicos e sanitários*” suficientes para criar um ambiente saudável ou para detectar se algo não vai bem por razões fisiológicas”; “*sociológicos*” para entender o contexto familiar; *social e econômico* no qual o bebê e a creche estão situadas; deve possuir também conhecimentos *psicopedagógicos*; precisa conhecer materiais e atividades, “dominando assim um repertório que será então enriquecido com as experiências de observação das crianças”; deverá ter “condições de trabalhar com outros adultos (...)” (FARIA e VITA, 2014, p. 36). Evidenciando assim, um(a) educador(a) flexível, atencioso(a) e capacitado(a) para atuar nas creches.

Pikler (*apud* FALK, 2010, p.67) identifica que

a educadora carrega em seus braços vários bebês ao longo do dia. Troca fraldas, dá banho, os alimenta e depois os coloca no berço ou no espaço preparado para brincar. A repetição das diversas situações e operações exerce uma influência inevitável em seus gestos. Os movimentos que durante o processo dos cuidados se repetem com frequência, acabam se tornando, de forma geral, automáticos, justamente por serem repetitivos, rápidos, mais curtos e mecânicos (...).

Dessa forma, o trabalho docente deve contar com meios de pautar-se na atenção aos detalhes, evitando que a interação entre adulto e bebê vire algo monótono ou desinteressante, não possibilitando o desenvolvimento pleno deste ser tão pequeno.

A mediação docente entre bebês e livros torna-se aqui uma possibilidade para o letramento literário com os bebês em período de creche, pois é uma “oportunidade geral para criar situações prazerosas, evocar motivações, afinar repertórios em uma visão global em que os aspectos emocionais e cognitivos estão estritamente imbricados, como é peculiar nessa idade”. (FARIA e VITA, 2014, p.155).

Considerando as pesquisas de Mantovani (*apud* FARIA e VITA, 2014, p. 163), o papel do adulto nesta função de mediador é fundamental para “manter a atenção da criança com técnicas adequadas de encorajamento”, para “verificar a compreensão” da criança sobre a história e para “encorajar a releitura e a exploração autônoma”.

Entende-se o trabalho de mediação docente em dois pontos, o primeiro como possibilitador ao desenvolvimento do bebê, enquanto favorece através do ambiente, livros, contações e relações afetivas a capacidade de aprendizagem do bebê e, o segundo ao trabalhar o letramento literário, através do hábito da leitura e experiências com os livros, sendo importante conhecer o acervo.

6.3 O ACERVO LITERÁRIO DA BEBETECA

O acervo da bebeteca deve ser variado, atendendo diferentes necessidades de seus frequentadores, neste caso, os bebês da creche. Parreiras (2012, p.107) identifica que

Os livros para bebês são objetos culturais que inauguram uma relação com a fantasia, as palavras, a imagem e a estética. Por isso devemos investir em livros bem preparados que podem ser marcantes para a criança olhar, sentir, experimentar e desejar outra vez.

Alguns critérios para a classificação dos livros infantis devem ser considerados. Parreiras (*apud* HAMPEL, 2016, p.48), ressalta sobre

- o material utilizado na fabricação do livro (papel, pano, plástico, etc.);
- o conteúdo apresentado no livro (informativo, auto ajuda, contos de

fada, etc.);

- a linguagem utilizada (textual, imagética ou ambas)
- o uso que pode ser feito do livro (para brincar, para acompanhar a história narrada num áudio).

Teresa Duran (*apud* GALVÃO, 2016, p.158), evidencia alguns processos descritivos dos livros no mercado editorial.

Figura 9 : Processos descritivos dos livros

Histórias de processos cotidianos	São livros que objetivam descrever processos cotidianos, como acordar, dormir, comer, visitar os avós, ir à escola, morte, separação de pais, retirada das fraldas e outros;
Histórias de processos ordinários	São os livros que mostram a ordem natural das coisas, por exemplo, como nascem os pintinhos ou uma flor, a metamorfose da borboleta ou da flor. Podem também conter informações sobre animais e outros objetos do mundo;
Histórias de processos extraordinários	São os livros de contos de fadas e contos contemporâneos;
Histórias de processos de descobrimento	São os livros que contêm um mecanismo manual, visual ou sonoro que dá suporte à narrativa e prevalece sobre ela.

Quadro produzido segundo a tipologia de Teresa Duran (*apud* GALVÃO, 2016, p.158)

No quadro é possível identificar tipos de livros mais comuns de serem encontrados no mercado, tornando fácil visualizar as principais características destacadas e de certa forma, elucidar quais são os gêneros mais apreciados para os bebês.

Teresa Duran (*apud* GALVÃO, 2016, p.158) também cria uma seleção de gêneros literários, observe na figura a seguir:

Figura 10: Gêneros literários encontrados nos livros infantis

Abecedários e silabários	Esses livros apresentam o propósito de familiarizar o leitor com certos signos gráficos. Essas obras desempenham uma função primordialmente didática;
--------------------------	---

Livros de imagens	São livros que apresentam o mundo aos bebês. Essas publicações reúnem um conjunto de imagens simples e soltas extraídas da realidade;
Rimas, canções e poemas	São livros em que a linguagem aparece em forma de rimas e repetições;
Contos contemporâneos	Compreendem contos produzidos na atualidade e que com o tempo podem se converter em narrativas clássicas;
Adaptações de contos populares	Compreendem os contos clássicos, como Os três porquinhos, Branca de Neve e João e Maria
Adaptações não tradicionais	Os livros produzidos a partir de desenhos animados e séries televisivas. Poderíamos citar os livros do Walt Disney.
Livros mudos	São os livros em que a narrativa é construída a partir das imagens e, por isso, não possuem texto verbal
Pop up	São livros em que as imagens aparecem em formato tridimensional
Livros de conhecimento ou documentais	São livros cuja finalidade é transmitir um conhecimento objetivo
Cadernos de atividades	São obras em que aparecem imagens para colorir e recortar e cujo centro é o entretenimento das crianças
Gadgets promocionais	São publicações publicitárias em forma de álbum de figurinhas, cadernos de atividades, jogos ou revistas. Podemos citar como exemplos os álbuns de figurinhas da Elma Chips em que os adesivos colecionáveis vinham dentro dos pacotes de salgadinhos
Publicações periódicas	São as revistas que incorporam todas as tipologias anteriores. No Brasil, a revista Recreio seria um exemplo desse tipo de publicação.

Quadro produzido segundo a tipologia de Teresa Duran (apud GALVÃO, 2016, p.158)

Embora tal classificação seja feita segundo análise do mercado espanhol, vemos que não se difere do mercado brasileiro. Como o caso dos chamados aqui livros mudos, onde veremos a seguir como Livros ilustrado, que embora com nomes diferentes, contemplam a mesma característica.

Hampel (2016, p. 47) produziu um quadro com os tipos de livros para bebês, refletindo sobre as classificações de Parreiras.

Figura 11: Tipologia de livros segundo a classificação de Parreiras

Tipos	Características
Livro de Pano	*Produzidos em tecido, geralmente costurados e com poucas páginas.
Livro de Plástico	*Produzidos em plástico, costumam ser acolchoados.
Livro de Papel ⁷	*Produzidos em papel, costumam ser os mais comuns no mercado.
Livro Cartonados	*Produzidos em papel grosso, resistente e de fácil manuseio para os bebês; *Costumam ser pequenos e com poucas páginas com desenhos em traços fortes e cores definidas.
Livro brinquedo/Pop-up/ Interativo	*Livros que trazem partes que “se abrem” ou pecinhas para puxar, abrir ou levantar. *São livros com os quais, além de contato com a história a criança pode brincar com as peças e cenários do livro.
Livro ilustrado – <i>Picture-book</i>	*Conhecidos, no Brasil, como livro-álbum ou livro ilustrado. Para a autora, são livros em que o texto e as imagens são interdependentes, ou seja, uma só faz sentido com a outra.
Livro sem Texto – de imagem	*Livros constituídos exclusivamente de ilustrações (desenhos, pinturas, fotografias, colagens, entre outros) que se encadeiam para contar uma história.
Livro com CD	*Livros que propiciam às crianças a experiência de ouvir uma história gravada, utilizando-se de recursos como músicas e sons que se relacionam com a história.
Livro informativo	*Livros que trazem (informações sobre cores, objetos, formas, etc. Não contam uma história propriamente, mas relacionam ações ou objetos com palavras.
Livro de autoajuda	*Livros que buscam explorar os medos ou inseguranças das crianças.
Contos de Fada	*Narrativas milenares que foram e vão sendo reelaboradas pelas diferentes culturas e que costumam ser apreciadas pelos pequenos.

Figura retirada da dissertação de Hampel (2016, p.47)

Embora o quadro apresentado traga possibilidades de conhecer sobre os diferentes tipos de livros no mercado editorial infantil, é necessário salientar que assim como toda categorização, existem exceções. A caracterização dos livros nos permite visualizar alguns objetivos envolvidos na história e personagens apresentados, entretanto é importante ressaltar que um mesmo livro e história, pode ser utilizado de formas diferentes, cabendo ao mediador fazer estas explorações diversas. Desta forma, um livro informativo pode nos possibilitar criar uma história a partir dele; um livro de conto de fadas, nos permite explorar diferentes questões de características lúdicas; entre outras opções.

Na figura, os livros informativos e os livros de imagem compõem diferentes

categorias, entretanto, para Hampel (2016) pode-se considerar que os livros de imagem também podem ter a função de informar.

embora muitos livros de imagem tragam apenas figuras isoladas com elementos do cotidiano infantil, alguns apresentam uma narrativa visual muito complexa que exige uma maior capacidade inferencial do leitor. Assim, a ideia de que o livro de imagem é, necessariamente, um livro mais simples não é verdadeira. (HAMPEL, 2016, p.49)

A esse respeito, a autora acredita que os livros de imagem precisam estar muito presentes no berçário, pois podem ampliar os conhecimentos dos bebês sobre o mundo e pode ajudá-los a aguçar o olhar para detalhes presentes nas ilustrações.

Outra característica que deve ser bem analisada é o material utilizado para o livro. A BNCC ressalta que os livros para bebês são feitos de material como “papel cartonado, plástico ou tecido – mais resistentes à manipulação da criança – e possuem texturas, formas e cores que visam estimular o tato e a visão, alguns apresentam recursos sonoros.” Compreende que a proposta desse tipo de obra é “estimular os sentidos e a sensibilidade do bebê que começa a realizar suas próprias leituras: olhando, colocando na boca, apertando, sentindo, cheirando, brincando.” (BRASIL, 2020)

Para Parreiras (*apud* HAMPEL, 2016, p.49),

os livros para bebês devem apresentar as seguintes características: ter pontas arredondadas, capas e páginas preferencialmente duras, poucas folhas, material atóxico e leve, encadernação com folhas coladas ou costuradas (não grampeadas para evitar acidentes), fundos de uma cor só (para haver respiração das imagens), textos em letra bastão e em tamanho grande, entre outras.

Com isso, temos um panorama das principais características das obras produzidas para a primeira infância. Mas é importante refletirmos sobre a intencionalidade e níveis de complexidade dos livros para bebês.

Susanna Mantovani⁷ (*apud* FARIA e VITA, 2014), nos permite pensar sobre as motivações para o uso dos livros em idade de creche, apresentando-os em duas grandes categorias, sendo a primeira os “livros que apresentam imagens ou situações mais ou menos complexas” que trata-se de estímulos à percepção e à atenção, que “induzem uma atividade verbal de denominação e de enriquecimento

⁷ Pesquisadora italiana, comprometida com a qualidade nos processos educativos de instituições de crianças pequenas, tanto na pesquisa como na formação de profissionais que atuam com a infância.

lexical⁸” e a segunda categoria são os “livros que contêm uma sucessão de situações e de acontecimentos ilustrados, concatenados até construir um conto”, aqueles que requerem capacidade de compreender os conteúdos e as intenções do texto.

Além das motivações, Mantovani (*apud* FARIA e VITA, 2014, p.155), nos faz refletir sobre os diferentes usos do livro na creche, que segundo ela, dependem dos objetivos do adulto e que, depois de identificado os diferentes objetivos, pode-se apresentar o livro ao bebê de algumas formas possíveis.

Figura 12: Diferentes usos dos livros, pautados em seus objetivos principais

Livro para análise perceptiva	Neste tipo de livro é possível o reconhecimento de objetos simples e situações familiares, e aos poucos vão sendo introduzidas imagens mais complexas. Um percurso que “parte de simples figuras e chega a imagens que contam”.
Livro com função identificatória	Neste tipo de livro é feita uma retomada, de forma direta ou simbólica, das vivências do bebê, possibilitando que haja participação emocional e identificação com as personagens.
Livro como objeto cultural específico	Neste uso, o livro deve ser compreendido e “seu conteúdo deve corresponder aos interesses da criança”.

Quadro produzido segundo os estudos de Mantovani (*apud* FARIA e VITA, 2014, p.155)

Dessa forma, compreende-se que a variedade no acervo de livros apresentada aos bebês é muito importante, pois permite novas experiências e vivências que proporcionam diferentes aprendizagens.

Mantovani (*apud* FARIA e VITA, 2014, p.65), identifica o papel do adulto como mediador, para que ele tenha “função de filtro”, fazendo escolhas de qualidade do material apresentado ao bebê.

Sendo assim, o(a) mediador(a) deve procurar livros que sejam adequados, considerando aqueles em que os materiais sejam seguros para o manuseio dos bebês, devem ler as histórias antes e conhecer o conteúdo, identificando se é apropriado ao bebê, se contém uma linguagem acessível e pertinente ao momento em que o bebê está, o mediador deve refletir sobre sua prática, selecionando para o

⁸ Enriquecimento lexical está voltado ao fortalecimento da consciência lexical, que é a habilidade para segmentar a linguagem oral em palavras. Dessa forma, os livros de imagens podem auxiliar no processo de aquisição de uma língua, pois permitem através da mediação feito pelo adulto, uma aprendizagem do que cada palavra se refere e em que contexto ela é utilizada. Para conhecer mais sobre a consciência lexical e aprendizagem da leitura, indico o trabalho de PIRES (2015).

acervo literário, apenas os livros que permitem uma relação saudável entre o livro e o bebê.

Para auxiliar nesta seleção, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)⁹ avalia diferentes obras literárias, que são inscritas pelos detentores de direitos autorais, conforme critérios estabelecidos no edital e essas obras são avaliadas por especialistas das diferentes áreas do conhecimento. As aprovadas, podem constituir o acervo das escolas públicas de educação básica, orientando o corpo docente e o corpo diretivo da escola na escolha das coleções para as diferentes etapas.

Esta avaliação classificatória dos livros, torna mais fácil o trabalho de filtro aos mediadores de leitura, como dito anteriormente, pois permite uma melhoria na qualidade dos livros apresentados às crianças e promove novos títulos e editoras no mercado editorial.

De acordo com o Guia, para a Educação Infantil,

as obras podem estimular, no âmbito de interações e brincadeiras, a curiosidade em relação à cultura escrita, auxiliando os(as) professores(as) a se tornarem mediadores(as) eficientes entre as crianças e os textos. A partir dessa perspectiva, o(a) professor(a) pode propiciar a familiaridade com livros e sua correta manipulação, ressaltando a diferença entre ilustrações e escrita.

O último Guia do PNLD para a Categoria 1 (creche) foi em 2018 e observamos que apenas oito obras foram inscritas para a faixa etária de 0 a 1 ano e 6 meses e, apenas uma obra foi aprovada¹⁰.

Sendo assim, identifica-se que embora exista uma ampla variedade no mercado editorial para bebês, há escassez de títulos considerados qualificados para serem utilizados com os bebês pequenos. Esse fato nos permite refletir sobre uma série de fatores muito importantes, como os temas apresentados aos bebês, a forma simplista de mostrar as palavras escritas, a limitação que os livros produzem ao bebê, o livro que vira um brinquedo e perde sua função literária, entre outras. Embora todos essenciais para pensarmos na leitura para bebês, neste momento focaremos nossa pesquisa na capacidade do(a) mediador(a) para construir a relação entre livro e bebê.

⁹ Desenvolvido pelo Programa do Ministério da Educação (MEC), junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), para a compra e distribuição de livros e materiais didáticos para professores e estudantes de escolas públicas de todo o país. Tem como objetivo levar material didático adequado para cada nível educacional da rede pública, por isso seleciona livros, tendo sua escolha minuciosa desde o momento da inscrição das editoras.

¹⁰ A obra aprovada será apresentada no apêndice deste trabalho.

6.4 A PRÁTICA DE CONTAR HISTÓRIAS

As primeiras experiências dos bebês com a linguagem e a leitura podem ser aprimoradas pelo contato com livros e pela contação de histórias. Para Maia (2011), o hábito de contar histórias para crianças parece ocupar um papel de destaque nas ações educativas, devendo ser visto como uma estratégia pedagógica importante para a promoção da leitura e, conseqüentemente, no desenvolvimento educacional infantil.

Mas existe uma forma certa de contar histórias para os bebês? O que essa prática pode possibilitar ao bebê? Quem pode realizar esse tipo de prática? Estas são questões muito importantes para compreendermos melhor o trabalho do docente mediador nas creches e o desenvolvimento do bebê com as experiências vividas por essa prática.

A contação de histórias é diferente da leitura de uma história, pois segundo o verbete “*contação de histórias*” no CEALE, enquanto o leitor de histórias “empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor,” o contador de histórias

cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios... Esses elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação. (GROSSI, 2012)

Dessa forma, a contação de histórias pode alcançar objetivos, como educar, divertir, instruir, socializar, além de desenvolver a inteligência e a sensibilidade.

Para entendermos melhor sobre a prática de contar histórias, é necessário conhecer um pouco sobre sua origem e seus objetivos. Pois, assim como a visão sobre a criança e a creche foram sendo transformadas ao longo dos anos, o mesmo aconteceu com a contação de histórias para bebês.

Faria, Flaviano, Guimarães e Faleiro (2017, p. 31), acreditam que a contação de histórias é

uma prática antiga que surgiu muito antes da escrita, quando as pessoas utilizavam da oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, transmitindo assim ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração, também usavam desta prática para o entretenimento, diversão e lazer.

Sendo assim, podemos ver que a contação era uma forma de ensinar, transmitir saberes e produzir cultura. Mas devido a necessidade de organizar os conhecimentos adquiridos de forma palpável, a escrita surgiu e tomou o lugar principal.

Segundo Schermack (*apud* FARIA; FLAVIANO; GUIMARÃES; FALEIRO, 2017, p. 32) “a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte”, ou seja, as histórias foram sendo narradas a partir de um texto escrito, produzindo livros, jornais e outros agentes culturais escritos.

Como relatado por Faria, Flaviano, Guimarães e Faleiro (2017, p. 32),

com o surgimento e evolução dos sistemas de escrita, a contação de história, que antes era vista como prática superior, foi perdendo espaço em virtude da separação entre a cultura erudita/instruída e a popular/leiga, visto que reunir grupos ao redor de fogueiras para ouvir lendas, contos e histórias reais ou inventadas se tornou algo simplório e de pouco valor intelectual (passatempo), por também não ter relação direta com ganhos monetários, a ponto de ser considerada ação inferior.

As contações de histórias perderam o seu caráter de informar, transmitir e produzir conhecimento. Tornando-se uma prática voltada, principalmente, às crianças, com o intuito de divertir.

Mas com o passar dos tempos, a contação, assim como as diferentes formas de arte, como por exemplo a dança, o teatro, a música, etc, tiveram um reconhecimento do valor eminente, que para as autoras “deve ser valorizado e estimulado desde a base infantil quando se iniciam as primeiras descobertas, curiosidades, interesses, habilidades e progressos em geral concernentes à formação integral do sujeito”. (FARIA; FLAVIANO; GUIMARÃES; FALEIRO, 2017, p.33)

Grossi (2012) acredita que muitas vezes a contação de histórias “abre caminho para que muitas outras leituras do texto contado sejam feitas”. Podendo ser “praticada nos mais variados estilos e em diferentes lugares”, tendo a oportunidade de despertar o interesse dos alunos e estimular o desejo pela leitura de livros literários. “Uma história é capaz de emocionar e de surpreender o ouvinte pela forma como é contada.”

Bandeira (2019, p.6) enxerga que nos dias atuais, o hábito de contar histórias para crianças tem se resumido à hora de dormir, mas

com o tempo essa atividade foi dando lugar a outras, como ver televisão, jogar games ou usar o computador. As superficialidades das relações estão fazendo com que as experiências de compartilhar informações sejam esquecidas, e momentos de familiaridade e intimidade que as histórias possibilitam estão deixando de acontecer.

Dessa forma, para contextualizar a contação de histórias a partir de vivências atuais, é necessário uma atualização, evitando assim, que essa prática tão importante deixe de ser realizada. Pois “o fascínio que as histórias exercem sobre os homens não mudou, pois ao se contar uma história vai se criando um fio invisível entre o narrador e seu ouvinte.” (BANDEIRA, 2019, p.6)

Portanto, “com o crescimento das mídias tradicionais e da mídia digital, as formas de aprendizado foram se modificando e novas maneiras de se contar histórias foram criadas”. (BANDEIRA, 2019, p. 8). O que é muito importante, pois as práticas de letramentos devem ser utilizadas contextualizadas das práticas sociais.

6.4.1 O mundo digital: possibilidades para a contação de histórias

É importante que as creches e seus profissionais se atualizem, permitindo que o bebê tenha possibilidade de viver estas experiências desde seus primeiros dias, permitindo que as competências gerais da Educação Básica possam ser alcançadas, iniciando um bom trabalho desde o primeiro contato do bebê com a comunidade escolar.

Observe a 5ª competência prevista pela BNCC:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018)

Dessa forma, vemos a necessidade de proporcionar desde bebê, uma base sólida de aprendizagens e vivências com o mundo digital. Sendo o contato com livros e as contações em seus diversos formatos, ferramentas importantes, capazes de introduzir o bebê as histórias tecnológicas.

Bandeira (2019, p.8) acredita que

A contação de histórias no século XXI promove o encontro da narração oral tradicional e a tecnologia informatizada, trazendo a necessidade de novos suportes para concretizar essa que é uma das artes mais antigas, contar histórias. A linguagem do meio digital (como, por exemplo, hipertexto,

imagens coloridas, músicas, vídeos) é um instrumento importante no atual contexto educacional, especialmente para a promoção do letramento.

Temos uma infinidade de possibilidades quanto às tecnologias digitais de informação e comunicação. As contações de histórias acompanham variações e usam novos formatos, como por exemplo os recursos audiovisuais, os livros digitais, os audiobooks, podcasts, as mídias sociais e outros tantos novos suportes tecnológicos.

Numa rápida busca no Youtube, encontramos alguns canais excelentes quanto ao conteúdo¹¹, como por exemplo a “Fafá conta histórias” que é produzido pela Flávia Scherner, uma artista com o trabalho dedicado a contação de histórias para bebês e crianças. No canal do Youtube, assim como nas páginas do Facebook e Instagram, Fafá conta histórias há mais de 5 anos, trazendo um repertório fantástico de livros e histórias, encantando bebês, crianças, jovens e adultos.

Outro canal muito estimado é “A cigarra e a Formiga”, por Daisy Caris. Neste canal são apresentados diversos livros evidenciando algumas características importantes para a escolha da literatura, como o material, o texto escrito, as ilustrações, etc, além de relatar um pouco de sua experiência com o letramento literário. “A cigarra e a Formiga” tem um caráter formativo, possibilitando aos pais e educadores uma reflexão sobre a literatura.

Nas Trilhas de Aprendizagem: Brincadeiras e interações para crianças de 0 a 3 anos (2020) propostos pelo Governo do Estado de São Paulo, são indicados algumas sugestões de leituras nas plataformas digitais.

Figura 13: Sugestão de leituras nas plataformas digitais

Plataforma	Acesso
Brinque-Book Conta Histórias	youtube.com/watch?v=Eh1h6azqmlw&t=2s
Camila Genaro	https://www.instagram.com/camila.genaro?igshid=1kski4hms7j55
Carol Levy	https://www.instagram.com/carolleavy?igshid=14yiw5frorjpy
Fafá Conta	https://www.instagram.com/fafaconta?igshid=t2fn2qnupqeg

¹¹ No apêndice deste trabalho, você encontrará algumas sugestões de vídeos para conhecer um pouco mais sobre os dois canais citados.

Lives com contação de histórias para entreter as crianças durante a pandemia	https://instagram.com/fafaconta?igshid=t2fn2qnupqeg
Mãe que lê	https://instagram.com/maequelle?igshid=1tj1iqzc74as9
Marina Bastos	https://instagram.com/marinabastoshistorias?igshid=fi0zcqwblr0z
Marina Bigio	https://instagram.com/marianebigio?igshid=14orckr43lfa6
Rita Lee	https://www.instagram.com/tv/B-OPyuZpYEM/?igshid=uyrdpde6c5lr

Sugestões retiradas da Trilha de Aprendizagem (BRASIL,2020)

É possível ver diferentes educadores trabalhando com a contação, através de suas redes sociais, como páginas do facebook e instagram dedicadas a compartilharem conteúdos sobre literatura para as crianças e principalmente à pais e outros adultos, visando a conscientização e formação de outros mediadores de leitura e contadores de histórias.

Faria, Flaviano, Severina e Faleiro (2017, p. 39) ressaltam que já sabe-se

que é impossível não aderir às mudanças culturais do nosso tempo (“Era digital”), entretanto, o que não pode acontecer é deixar que a contação de história perca sua essência e sua função atemporal. O contador tradicional e o moderno não devem disputar o mesmo espaço e sim se complementar em uma troca de referências de tempos diferentes, a renovação se faz necessária para que haja continuidade das práticas, ao invés de serem sufocadas/estagnadas pelo conservadorismo que condena o novo e o diferente.

Com isso, evidenciamos diferentes possibilidades de formação para potencializar ao contador de histórias, conhecimentos diversos que permitem uma prática mais contextualizada e por assim, significativa.

6.5 NA PRÁTICA

Para pensarmos na prática de contar histórias é importante ressaltar que não existe uma única forma de contar histórias para os bebês. Entretanto, algumas metodologias podem ser utilizadas visando o letramento literário para os bebês na creche.

Grossi (2012) acredita que

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Aos poucos, ele vai se apropriando das narrativas e começa a querer contar aquelas de que mais gosta. Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas.

E ainda sugere que para quem deseja se aventurar com a arte de contar histórias,

é recomendável uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando apreender o seu sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência; é interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais, e que se identifique a estrutura da narrativa; por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa. (GROSSI, 2012)

Portanto, tornar-se um contador de histórias é um processo que envolve muita dedicação e responsabilidade, já que entendemos que este é um trabalho que, segundo a implementação da BNCC, possibilita “nutrição, socialização e, sobretudo, humanização.” E “quando bem trabalhada no espaço escolar, revela-se um verdadeiro tesouro na preparação de nossas crianças para a vida.” (BRASIL, 2017)

Sobre a prática realizada, está exemplificado na BNCC que,

a criança precisa ser inserida no universo das narrativas. Por exemplo: enquanto a professora dá banho no bebê e ele manipula um livro com desenhos de animais, seria ideal que ela lhe contasse uma história ou cantasse uma cantiga associada àquelas ilustrações, que não apenas se focasse no ensino das palavras e na relação destas com figuras, mas já começasse a mostrar para a criança que o livro é um suporte para a narração e a imaginação. (BRASIL, 2017)

Com isto, a contação é uma forma de trazer ao cotidiano do bebê o contato com livros e histórias.

Lira (2019, p. 19) evidencia que para os bebês as rotinas são extremamente importantes, tanto para a saúde física como psíquica. Ela acredita que

Para introduzir momentos de leitura, é importante que elas sempre sejam realizadas diariamente, de forma regular, sempre na mesma ordem de atividades, mencionando o nome da rotina a ser trabalhada, porque os hábitos são decisivos na construção da personalidade dos bebês. (LIRA, 2019, p.19)

Utilizar momentos da rotina da creche, como trocar a fralda, dar banho ou colocar para dormir, para interagir com o bebê e proporcionar o contato com diferentes contações de histórias é imprescindível, mas além destes momentos, é

importante criar o hábito para que exista um horário destinado, exclusivamente, a leitura e contação.

Para a prática da mediação literária, Faria, Flaviano, Severina e Faleiro (2017, p. 38) acreditam que

o professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, como por exemplo: caracterizações (fantasias, acessórios, pinturas pelo corpo, trejeitos dos personagens), fantoches, dedochê, palitochê, flanelógrafo, avental (roupão onde as gravuras são fixadas com velcro), livros em papel, imagens, fotografias, livros-brinquedos (pop-up ou 3D) e instrumentos musicais.

Portanto, algumas orientações podem ser tomadas para auxiliar nesse ato do(a) professor(a) contar as histórias, como salientado por Faria, Flaviano, Severina e Faleiro (2017, p. 38)

- entonação de voz cativante;
- movimento corporal; materiais de apoio;
- uso de onomatopeias;
- provocação de ruídos em momento de suspense;
- olhar comunicativo;
- expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia);
- imitação; repetição de frases marcantes;
- criatividade quando o momento exigir improvisação;
- espaço para participação da plateia (pequenas interferências);
- cantigas pequenas condizentes com a história;
- interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes)

Entretanto, tudo deve ser feito gradativamente, “observando quais destes itens a história comporta (não necessariamente precisa usar todos juntos) de forma que dê sincronia, sem exageros” (FARIA, FLAVIANO, SEVERINA e FALEIRO, 2017, p. 38).

As autoras evidenciam que é importante que o contato do professor com a turma seja próximo, o que “inclui a forma de se aproximar do educando, abaixar para ficar no mesmo nível do olhar, escutar com atenção o que os pequenos têm a dizer, orientar os pais acerca da importância de contar histórias para as crianças no seio familiar, fortalecendo assim os laços da afetividade” (FARIA, FLAVIANO, SEVERINA e FALEIRO, 2017, p. 38).

Nas Trilhas de aprendizagens: brincadeiras e interações para crianças de 0 a 3 anos, propostas pela COPED¹², é sugerido que

Ao fazer a leitura de livros para os bebês e crianças, pode-se mostrar o livro, apontar as imagens, contar a história original ou inventar novas histórias a partir das imagens. O tom de voz e as expressões dos adultos farão toda diferença neste momento. É importante, também, que os bebês e crianças possam manipular os livros. Incentive a criança a recontar-lhe a história e a apontar as cenas também! (BRASIL, 2020, p. 13)

Pois dessa forma, identificamos os gestos leitor no bebê, como pegar o livro, folheá-lo, cheirá-lo, amassá-lo e também mordê-lo. “A relação de bebês e crianças com o livro é como a que têm com os brinquedos: passa pelos sentidos”. (BRASIL, 2020, p. 13)

Após suas pesquisas, Hampel (2016, p.115) afirma

que os pequenos não só se interessam pela leitura da professora como também querem, eles mesmos, realizar as suas. Mesmo ainda desajeitados com relação a habilidade motora e sem a linguagem verbal plenamente desenvolvida, os bebês procuraram usar os livros de maneira convencional, passando suas páginas ou ao apontando as ilustrações, bem como “lendo” para seus colegas e educadores com balbucios e recursos gestuais.

Com isso, identificamos que o letramento literário para os bebês (de zero à um ano e seis meses) possibilita um desenvolvimento pleno, onde respeitar as características da infância e do bebê, se faz extremamente necessário para a prática do(a) docente mediador(a) nas creches.

A seguir, convido você a ler as considerações finais desta monografia.

¹² Coordenadoria Pedagógica que tem como objetivo o desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia aqui apresentada, teve como principal motivação minha curiosidade em compreender mais acerca da relação entre o livro infantil e o desenvolvimento dos bebês.

Neste sentido, pude fazer uma reflexão sobre minhas vivências pessoais, enxergando minhas experiências no estágio de Educação Infantil e minhas práticas produzidas na instituição em que atuo como voluntária, com um olhar mais atencioso, pois me possibilitou compreender que a leitura, feita através da mediação docente, pode influenciar significativamente no desenvolvimento dos bebês. Este TCC pôde contribuir imensamente com minha formação como futura pedagoga e ainda, pode servir de repertório para meus colegas e outros docentes que desejam atuar e/ou aprender mais sobre os bebês e a relação deles com os livros.

Ao longo dos estudos aqui descritos, foi possível ver que os bebês dependem de boas experiências para um desenvolvimento pleno, por isto, os primeiros meses de vida são fundamentais para construir uma base sólida, encarando a aprendizagem com naturalidade e respeito, devendo a creche, como previsto pela BNCC (2017), proporcionar tais experiências.

Para isto, entendo o letramento literário como prática possível aos bebês, pois enxergo, assim como Lira (2019, p.18), a leitura como forma de

estimular um relacionamento saudável que reforça o afeto, a segurança e a confiança, de forma que sejam criadas condições para a criança experimentar e testar os desafios de seu ambiente. Se o hábito de leitura já é frequente no ambiente familiar, a educação infantil precisa apenas aprimorá-lo para que ele ganhe ainda mais relevância (...)

Para pensar no desenvolvimento dos bebês com os livros, utilizei principalmente, os quatro princípios destacados por Pikler, sendo eles:

- a *autonomia*, que parte do(a) educador(a) em acreditar no potencial do bebê, permitindo que ele se desenvolva, atuando como protagonista através da exploração livre, podendo fazer escolhas, pegando e sentindo os livros;
- o *vínculo afetivo* entre educador(a) e bebê, que é possível através do momento de leitura e contação de histórias, pois estabelece uma conexão, possibilitando a formação emocional deste bebê;
- o *ambiente*, que nas bebetecas, assim como nas creches, deve considerar os

aspectos para o desenvolvimento do bebê, como a necessidade de ser um ambiente seguro, permitindo a movimentação corporal, sendo acolhedor e estimulador, tornando possível aprender e desenvolver-se enquanto brinca e explora; e

- os *cuidados básicos*, que permitem ao bebê uma aprendizagem significativa e sem traumas.

Foi, justamente, seguindo essa direção que evidenciei a intencionalidade no trabalho realizado nas creches. Partindo da necessidade de se ter um trabalho estruturado para que os docentes possam cumprir o papel como mediador(a) de leitura. Mantovani (*apud* FARIA e VITA, 2014, p. 5) traz o papel de mediador(a) fundamental

na preparação da atividade de leitura, entendida tanto como uma organização dos espaços quanto como a preparação dos materiais (que também envolve a seleção de livros a serem propostos e a sua análise preliminar); na condução da atividade; e na apreciação do seu sucesso, observada em termos de compreensão bem-sucedida dos principais aspectos da história e das habilidades adquiridas pela criança de reconstruir sozinha os conteúdos.

Dessa forma, este TCC possibilitou pensar no(a) docente como autor(a) de suas práticas, sendo capaz de proporcionar aos bebês um repertório com livros e práticas para contemplar o letramento literário nas bebetecas. É necessário contemplar o acervo literário, as diferentes práticas, como a contação de histórias e o letramento digital, para permitir ao bebê da creche um desenvolvimento pleno, possibilitando a aprendizagem, leitura e comunicação, por meio do contato com livros e histórias.

Para concluir, considero que este é apenas um pensar inicial sobre o letramento literário nas bebetecas, podendo introduzir esta temática tão importante para o trabalho do(a) mediador(a), mas não está finalizado, pois acredito que esta monografia está abrindo portas para outras pesquisas e aprofundamentos.

REFERÊNCIAS

AIRÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição- Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AMORIM, Katia S.; ROSSETTI - FERREIRA, Maria Clotilde. Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 64-69, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 out. 2020.

ANDRÉ, Sheilla.; SILVA, Ana Maria de Paula Silva. **Freire e Pikler: diálogo sobre a autonomia e a formação de professoras da primeiríssima infância**. II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global. 2018.

BAPTISTA, Mônica Correia. A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância. Currículo em movimento. **Centro de Alfabetização Leitura e Escrita - CEALE**. Ministério da Educação. Brasília, 2010.

BAPTISTA, M. C. Leitura literária na primeira infância: a experiência da bebeteca Can Butjosa em Barcelona. In: MACHADO, M. Z. V. (org.). **A criança e a leitura literária: livros, espaços e mediações**. Curitiba: Editora Positivo, 2012.

BANDEIRA, Karina Bastos de Luna. **Contaçon De Histórias na Era Digital: A Importância da Literatura Infantojuvenil na Formação de Leitores Críticos**. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2019.

BRANDÃO, Claudia Leite. BASTOS, Regiane Pradela da Silva. **A literatura e o PNAIC: algumas possibilidades de práticas e materiais de leitura**. Anais do 7º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina. II Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária. Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2017.

BRASIL. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações** / Monica Correia Baptista ... [et al.], org. – Brasília: MEC, 2015.

_____ (2016). Centro de estudos e debates estratégicos. **Primeira Infância: avanços do marco legal da Primeira Infância**. Câmara dos Deputados. Brasília, 2016.

_____ (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____ (1996) Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____ (2006) Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Ministério da Educação. Brasília. DF. 2006

_____ (2010) Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

_____ (2012). Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brinquedos e Brincadeiras de Creches. **Manual de Orientação Pedagógica**. Brasília, DF, 2012.

_____ (2017) Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília, DF. 2017.

_____ (2018) Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. PNLD. 2018. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/2018-literario-avaliacao-material-profesor> Acesso em 03 de novembro.2020

_____ (2010) **Plano Nacional pela Primeira Infância**. Rede Nacional Primeira Infância. Brasília (DF), 20 de junho de 2010.

_____ (2020) **Trilhas de Aprendizagem: Brincadeiras e interações para crianças de 0 a 3 anos**. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria Pedagógica. São Paulo/ SP. 2020.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BUJES, Maria Isabel E. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, Maria Carmem. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. Disponível em:<<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>Acesso em: 20 out. 2020.

_____, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

DADICO, Luciana. Modos de Ler Livros em Meios Digitais: Transformações da Experiência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 725-737, set. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000300725&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 nov. 2020.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio... Para onde vai... Educação Infantil: a creche, um bom começo. Enfoque - Qual é a questão? **Em Aberto**. Brasília, v. 18, n 73, p;11-27, jul 2001. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3033>> Acesso em 15 jun. 2020.

DOLTO, Françoise. **Seminário de psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

FALK, Judit (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara, SP.: Junqueira & Marin, 2011.

FALK, Judit (Org.) **Abordagem Pikler: educação infantil**. Coleção Primeira Infância: educar de 0 a 6. Omnisciência. São Paulo, SP. 2016

FARIA, Betina Azevedo. **O estímulo à leitura para os bebês : um estudo de caso no Berçário 2 da Creche Francesca Zacaro Faraco da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. A influência da contação de histórias na educação infantil. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017. ISSN 2447-6978 (versão on-line)

FARIAS, Norma Lee Pereira de. TAVARES, Maria Aparecida. **Por que e para que ler literatura em creches e pré-escolas?** Concepções docentes. II Congresso Nacional de Educação-CONEDU. PPGFP/ UEPR. 2015

FERNANDES, Marina Ribeiro da Cunha. **Da família à creche: narrativas de mães sobre processos de transição de seus bebês**. 2014. 94 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FRIGATTO, Daniela Braga; SILVA, Natali Danielle. **O Desenvolvimento da Criança de 0 a 3 anos: Na Creche – Um olhar sobre a abordagem Pikler e a Epistemologia e Psicologia Genética de Jean Piaget**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSALESIANO, Lins-SP. 2018.

FUJIMOTO, Gaby. Cenário Mundial das Políticas de Primeira Infância. Primeira infância- avanços do marco legal da primeira infância. Câmara do Deputados Centro de Estudos e Debates Estratégicos Primeira. **Caderno de Trabalhos e Debates**. Brasília – 2016.

GALVÃO, Cristiene de Souza Leite. **Existe uma literatura para bebês?** Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte. 2016

GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de histórias. **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2012. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/autor/maria-elisa-de-ara-j-o-grossi>> acesso em 02 de nov. 2020.

HADDAD, L. **A creche em busca de sua identidade : perspectivas e conflitos na construção do projeto educativo**. São Paulo : Loyola, 1991.

HAMPEL, Leticia Carla dos Santos Melo. **Os bebês, a professora e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação da leitura no berçário**. Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2016.

LIRA, Hellem Lima. **Entre Fraldas e Livros: A Presença da Leitura Entre os Bebês**. João Pessoa, 2019.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; LEITE, Lucia Pereira; MAIA, Ari Fernando. O emprego da literatura na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola. **Revista Psicopedagogia**, p. 144-155, 2011.

OLIVEIRA, D. R.; MIGUEL, Ana Silvia Bergantini. A nova concepção de creche pós-LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394/96). **Revis. Fafibe [Internet]**, v. 5, n. 5, p. 1-5, 2012.

OLIVEIRA, C.; PECCIN, L. A. Entre a teoria e a prática: construindo caminhos e possibilidades de trabalho na creche. **Revista Saberes Universitários**, v. 1, n. 1, p. 41-49, 30 mar. 2016. Disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/saberes/article/view/6941>> acesso em 15 de set. 2020

O COMEÇO, da vida. **Direção Estela Renner**. Produção: Marcos Nisti; Luana Lobo. Netflix. Documentário Infantil. (120 min). 2016.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo horizonte: RHJ, 2012

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____ (1999). **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PIKLER, Emmi. **Moverse en libertad**. 7 ed. Madrid: Editorial Narcea, 2014.

PINTO, Marcela Lais Allgayer. **Interação de bebês com livros literários**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Caxias do Sul. 2018.

PIRES, Natália Albino. "Tu qué pô o péu na beça?" – Consciência lexical e aprendizagem da leitura: o papel dos prestadores de cuidados para o desenvolvimento lexical da criança. **Exedra - Revista Científica**. Número Temático de 2015 – Didática do Português: Investigação e Práticas. 2015.

REYES, Y. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global. 2010.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. História da Infância: reflexões acerca de algumas concepções. **Analecta**. Guarapuava, Paraná v. 3 n° 2, p. 51-63. jul/dez. 2002.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil pós-FUNDEB: avanços e tensões. **Educar na infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, p. 171-186, 2010.

SCHERMACK, K. **A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento**. UPF. Disponível em: < ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/.../keilaschermack.pdf. > Acesso em: 23 de nov. 2020

SENHORINI, Mariana.; BORTOLIN, Sueli. **Bebeteca, uma maternidade de leitores**. Londrina, v. 13, n. 1, p.123- 139, jan/jul. 2008. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1819>> Acesso em 01 nov. 2020

SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto. Letramento Literário e Práticas Estratégicas de Leitura na Primeira Infância. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 207-225, set./dez. 2015

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 384 p. 1. ed., 1ª reimp.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2009. 128 p. 3. ed.

TARDOS, Anna. La Mano de la Educadora. **Revista Infância**. Nº 11. Budapest: Instituto Emmi Pikler, 1992.

TOSSI, Kaliandra Silva. CAVALLARI, Sandra A. Literatura Infantil: A contação de histórias enquanto instrumento de aprendizagem na creche. **Revista de Comunicação Científica**. v. 3, n. 1 (2018) Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/3092>>

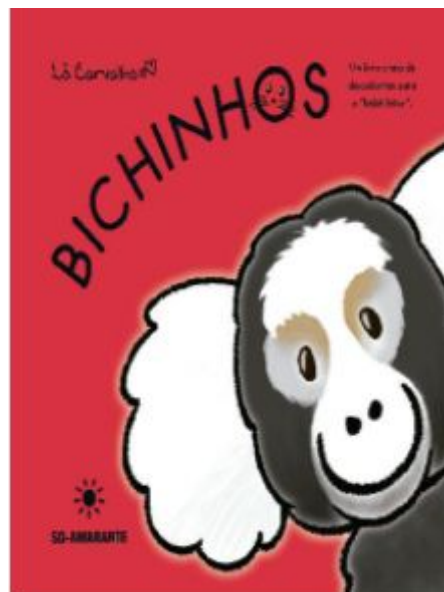
VEIGA, Elaine Cristina Freitas; CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes. ALMEIDA, Maria Socorro de. **História da criança no Brasil; educação para infância; ludicidade**. VI Seminário Internacional da America Platina. UEMS (Unidade Universitária de Campo Grande). Campo Grande. 2016

VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. O cuidado da criança segundo trabalhadoras de creches. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 11, n. 1, p. 28-35, Fev. 2003 . Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Set. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. Riendo Castigat Moraes (Ed.) São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia). 2001.

WALLON, Henri. **Objetivos e métodos da psicologia**. Lisboa: Estampa. 1975.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Rio de Janeiro: Estampa. 1995.

APÊNDICE: OBRA APROVADA PARA CATEGORIA 1- “BICHINHOS” NO GUIA DO PNLD 2018**Autoria:** Aloma Fernandes De Carvalho (Lô Carvalho)**Volume:** Bichinhos**Editorial:** Sg-amarante Editorial Ltda - 1 / 2018**Categoria:** Creche I : 0 a 1 ano e seis meses**Tema(s):** O Mundo Natural e Social**Gênero:** Livros de Imagens e Livros de Histórias Em Quadrinhos**Número de Páginas:** 48**Obra com material digital disponível:**<https://www.youtube.com/watch?v=7ZZYSW0Z9AQ>

O livro, Bichinhos, foi escrito e ilustrado por Lô Carvalho, apresenta como tema o mundo natural e social. Bichinhos traz o encantamento da leitura para os bebês. Apresenta dezenove bichinhos da fauna brasileira com suas vozes que contagiam a leitura com muita diversão. Trata-se de um livro-imagem acompanhado de legendas, com o principal objetivo de auxiliar o bebê a relacionar elementos do cotidiano com a representação gráfica deles registradas nas imagens de um livro, a fim de ampliar seu vocabulário. Empregam-se com qualidade as onomatopeias para reproduzir o som dos animaizinhos. Algumas das onomatopeias que aparecem na obra são bem fáceis de imitar, como a arara gritando ou a onça urrando. Outras são menos conhecidas, como o choramingo do tatu. Acredita-se que o prazer da

experiência literária ainda no berço é essencial para se formar os futuros leitores mais críticos e humanizados. As imagens buscam despertar a curiosidade e os sentidos, as cores utilizadas são vibrantes (roxo, amarelo, vermelho) para despertar os sentidos, favorecendo a capacidade de observação. As ilustrações dos animais tomam todo espaço da folha e agregam sons e ruídos, e estimulam o imaginário no processo de atribuição de significados e de compreensão de mundo. A obra trabalha a polissemia, possibilitando extrapolar a leitura das imagens e expor a experiência afetiva, familiar e a descoberta de si e do mundo. O plano de fundo, colorido, com o nome do animal, seguido de sua imagem e com o seu som ajudam a desenvolver a afetividade com o mundo e os animais. Apresentar os animais e conversar a respeito deles com os bebês é algo que os adultos costumam fazer e que os bebês costumam reagir de forma positiva, pois gostam de interagir com a natureza. Por isso, a obra apresenta um dispositivo tecnológico impresso em cada uma das ilustrações que possibilita ao leitor, a partir do celular ou do tablet, acessar o aplicativo Som dos Bichinhos que reproduz o som verdadeiro de cada animal ilustrado. O livro está cheio de descobertas para o bebê leitor. Trata-se de uma leitura divertida que faz com que os pais, avós ou professores interajam com as crianças, pronunciando o som das vozes dos bichinhos e despertando-lhes a curiosidade. A leitura é favorecida pela diagramação, pois o texto verbal possui letras bem legíveis em caixa alta e negrito. As imagens possuem tamanho que permite imaginar/inferir, brincar e (re)criar o animalzinho, assim como o som das suas vozes.